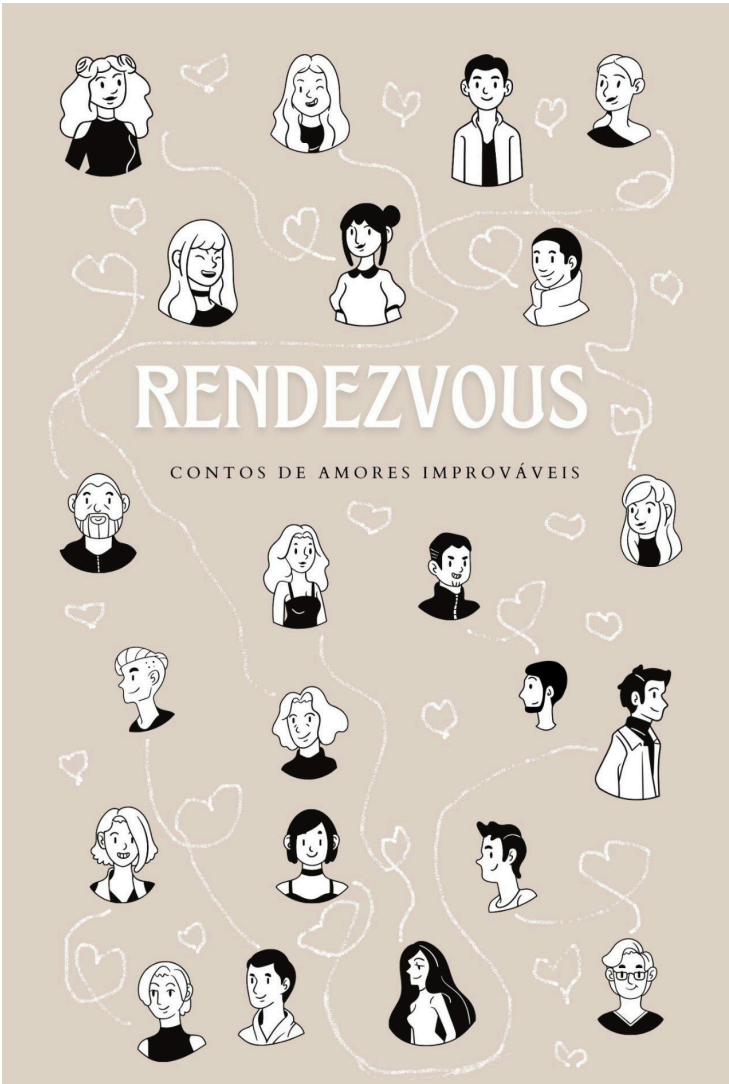

RENDEZVOUS

CONTOS DE AMORES IMPROVÁVEIS

CAROL SOARES

Rendezvous : Contos de Amores Improváveis

Para Lucy

Peônias

O jovem homem usando um terno amassado entrou na floricultura mentalmente xingando a si mesmo por não ter se preparado melhor. O nome dele era Artur e naquele momento ele estava pensando que ele deveria ter ligado para o florista pela manhã pedindo ele para reservar um buquê de peônias, ou até mesmo ter comprado no dia anterior.

Era o aniversário de sua mãe e essas eram as flores favoritas dela, e pelo que ele tinha visto aquela era a última floricultura ainda aberta.

Se ele não achasse, ele não chegaria na festa de mãos vazias, ele tinha comprado um par de brincos folheados de ouro para ela na semana anterior. Mas as flores eram tradicionais, e frequentemente ao receber as flores sua mãe lhe dava um de seus incomuns sorrisos e esse era um acontecimento raro o suficiente para fazer a compra adicional valer a pena.

Ele viu no final do corredor da loja um buquê grande de peônias vermelhas, e andou até elas, só para sentir uma outra mão perto do buquê quando ele se inclinou para pegá-lo. No meio segundo que passou desde o momento em que ele sentiu a mão, Artur tinha decidido que ele não ia abrir mão do

buquê de jeito nenhum. Essa decisão, no entanto, ganhou menos firmeza no segundo seguinte, quando ele viu o rosto da pessoa a quem aquela mão pertencia.

Era uma mulher, e Artur notou duas coisas sobre ela naquele primeiro momento. Primeiro que ela era bela, e segundo que ela parecia triste. No entanto, a tristeza desapareceu no segundo que os seus olhos se encontraram, substituída por uma expressão neutra.

Ele afastou sua mão do buquê e disse :

“Você pode ficar com o buquê, eu não me importo.”

Artur esperou que a mulher recusasse e que ele teria que insistir em um jogo de educação e que se ela negasse uma segunda vez ele diria tudo bem e ficaria com o buquê. Mas ao invés disso ela pegou o buquê e disse :

“Obrigada. Peônias são as flores favoritas do meu pai.”

“Você está comprando flores pro seu pai?”

“Sim, porque?”

“Nada, apenas eu nunca vi um homem recebendo flores de uma mulher. Ou pelo menos eu nunca recebi.”

“Você gostaria de receber?”

“Sim, eu acho que eu gostaria. Mas você tem que admitir que é algo um tanto incomum.”

Ela cerrou um pouco seus olhos.

“Você está tentando me fazer desistir do buquê?”

Artur se sentiu um tanto embaraçado, isso era um pouco o que ele estava fazendo.

“Eu apenas achei um tanto curioso.”

“Meu pai está no hospital, ele tem que ficar lá de tempos em tempos, mas parece que dessa vez vai demorar um pouco pra ele sair então eu acho que as flores favoritas dele talvez alegrem um pouco o quarto. ”

“Oh, certo. Eu sinto muito ter perguntado."

“Tudo bem. E no seu caso, pra quem seria?”

“Minha mãe, é o aniversário dela. Peônias também são as favoritas dela.”

“Oh.” ela disse e olhou para o buquê em seus braços.

Ela parecia estar prestes a dizer que ele poderia ter as flores então quando, para a sua própria surpresa, Artur se encontrou dizendo :

“Mas as camélias brancas estão parecendo bem bonitas também. Eu acho que eu vou levar elas.” ele disse, já pegando um dos buquês e indo para o caixa na frente dela.

Ele tinha mentido, ele sabia que sua mãe não gostaria tanto assim das camélias, mas ele não estava arrependido da decisão. Ele estava pensando naquele segundo antes dela se dar conta que ele estava olhando para ela, quando ela parecia triste, que talvez por trás da sua expressão neutra ela ainda estava. E que quando ela desse as flores para seu pai ele sorriria e vendo isso ela se sentiria tão feliz quanto Artur se sentia ao ver sua mãe sorrir.

Ele andou até seu carro, e começou a procurar nos seus bolsos pelas chaves quando viu que a mulher da loja estava andando até ele.

Ela parou a um passo de distância dele, e tirou alguns ramalhetes do buquê e estendeu sua mão até ele.

Artur se sentiu corando.

“Para a sua mãe, eu estava pensando que você pode misturar com as camélias, assim a sua mãe vai receber as flores favoritas dela no aniversário dela.” ela esclareceu.

“Oh, sim. É claro. Faz sentido...isso é muito gentil. Obrigado.”

“De nada. Você vai pegar as flores ou não?”

“Sim, é claro.” ele pegou as flores e por um segundo, como no instante em que eles se conheceram, os seus dedos roçaram contra os dela.

“E agora você pode dizer que pelo menos uma vez uma mulher te deu flores.”

Ele riu suavemente.

“Sim, eu acho que eu posso.”

“Tchau então.”

“Tchau.”

Antes de se virar e andar para longe Artur viu o começo de um sorriso no rosto da mulher.

No carro ele ajeitou o buquê para sua mãe com as peônias que ele tinha recebido, mas resolveu manter uma flor para si mesmo como uma lembrança da mulher que lhe deu flores.

E antes de começar a dirigir ele pensou que ele devia ter perguntado o nome dela.

Contra a Corrente

A sereia nadou o mais rápido que conseguia, levando a garota da superfície em seus braços.

Lia tinha sido trazida para o reino das águas e ganhado do pai da sereia um colar que lhe concedia o dom de respirar e falar debaixo d'água. Houveram outras antes dela que usaram o colar, e que tiveram o mesmo arrancado assim que ele tinha se cansado delas.

Algumas delas conseguiram nadar até a superfície a tempo. Outras não.

A sereia, tinha visto isso acontecer várias vezes. E ela tentou avisar Lia sobre a natureza de seu pai, sobre como ele se cansava de pessoas como um menino que se cansa de seus brinquedos. Sobre como ela devia ir embora antes que ele decidisse que tinha se cansado dela.

E ela não ouviu. Na verdade, em tais ocasiões Lia brincou dizendo que ela iria, mas só se a sereia fosse com ela.

Se ele tivesse tomado o colar de volta quando a sereia estava longe, Lia agora já estaria morta no fundo do mar.

Leah chegou na superfície e sentiu sua calda se transformando em pernas humanas conforme sua pele sentiu o ar, e como sempre o processo doeu como ser partida no meio, sereias e tritões podiam deixar o mar e andarem entre os humanos mas não sem pagarem o preço. E ainda assim ela continuou andando até que seu corpo inteiro estivesse fora da água.

Ela colocou Lia na areia e levou seus lábios até os dela, soprando ar em sua boca, esperando que funcionasse, que ela tivesse sido rápida o suficiente dessa vez.

Lia começou a engasgar e cuspiu água e a sereia respirou aliviada.

Ela bateu de leve nas costas de Lia até que toda a água que ela estivesse para fora.

E se sentou ao lado de Lia que ainda respirava forte, seus pés e pernas tinham parado de doer, na verdade a sensação da areia na sola de seus pés começou a ficar agradável.

Felizmente era noite e a praia estava vazia, com a única companhia das duas sendo a lua e as estrelas que brilhavam no céu. E as ondas, é claro.

E era para as ondas que Lia olhava agora, seus olhos apreensivos.

“Eu sinto muito, eu gostaria que tivesse sido diferente dessa vez.” a sereia disse.

“Eu sei, você acha que seu pai vai ficar irritado por você ter me salvado?”

“Talvez sim, talvez ele apenas ache engraçado. Com ele eu só vou descobrir quando ele estiver na minha frente.”

“Então não descubra.”

Leah entendeu o que ela estava sugerindo. O que ela estava pedindo.

“Eu não posso.”

“Você já partiu. Você já está na areia. Venha comigo.”

“Meu pai é a única família que eu tenho.”

“Ele não precisa ser.” Lia disse, tocando sua bochecha com a ponta dos dedos, acariciando sua pele.

Leah não sabia se seu pai ficaria irritado com ela por salvar sua amante descartada, mas ela não

tinha dúvida como ele reagiria se ela o deixasse. Sua raiva queimaria forte o suficiente para fazer o mar ferver. E ainda assim ela não moveu suas pernas em direção a água.

Nem tampouco parou a garota da superfície quando ela trouxe seus lábios até os dela.

O Que Permanece

Pedrinhas batem contra o vidro da janela do seu quarto te puxando do seu sono, você reconhece quem é apenas pelo ritmo das pedrinhas, em intervalos quase perfeitos de sete em sete segundos, até você abrir e sussurrar para ele parar. Desde que vocês eram meninos sempre sete e sete.

E lá está ele recém saído das árvores que ficavam entre a propriedade dos Norringtons e dos Lanes. Ele não devia estar aqui, estar aqui significa que ele vai se meter em tantos problemas, você sabe disso muito bem e ainda assim algo em você se alegra ao vê-lo lá debaixo.

Você realmente é um rapaz egoísta, ou talvez você apenas sentiu a falta dele demais, é difícil saber a diferença nesses dias.

Talvez o pelotão dele tenha recebido permissão para voltar para casa para o natal?

“Rapunzel jogue seus cabelos cor de mel!” ele diz bem mais alto do que ele deveria.

É uma piada idiota, para começar você é um homem, seu nome é Bertrand, seus cabelos são bem curtos,e eles certamente não são loiros. E ainda

assim hora e meia nas suas visitas ele dizia isso, uma vez você perguntou o porque ele insistia com aquela piada sem sentido, e ele disse que é claro que tinha sentido, você era Rapunzel preso em sua torre sonhando do mundo do lado de fora mas sem ousar ir para o lado de fora até o seu príncipe chegar. *"E você seria o príncipe nessa analogia ?"* você perguntou na ocasião, *"É claro. Quem mais eu poderia ser?"* ele disse como se tudo fosse completamente óbvio.

"Quieto você vai acordar minha mãe." você sussurra para ele da sacada.

Sua mãe nunca gostou da sua amizade com o menino mestiço que Lorde Norrington trouxe após sua viagem às colônias. Ela dizia o tempo todo que ela não entendia porque um menino tão doce quanto você insistia em passar tanto do seu tempo com um menino tão atrevido e inconsequente como Elijah. E mesmo após o rapaz se juntar ao exército para lutar contra a França na guerra, o desgosto dela por ele não tinha passado.

Ele ri, e diz :

"Então desça e me encontre para que a bruxa não desperte de seu macabro sono."

O ar da noite está bem frio, não está nevando, mas não te surpreenderia se daqui há alguns dias você acorde com um natal branco.

Você desce pelo pilastre da sacada, seus passos leves e precisos, sabendo onde pisar e como não cair ou fazer barulho que acordaria aqueles que dormiam dentro da casa. Eles eram assim por causa das muitas vezes que você já tinha feito aquele percurso com aquele exato propósito.

“Minha mãe é uma mulher adorável.” você diz quando seus pés tocam o chão.

“Eu vou acreditar quando eu ver Lady Ingrid agindo adoravelmente com alguém que não seja o seu adorável filhinho.”

Por um segundo você espera que ele venha te abraçar. Mas ele provavelmente se sente um tanto estranho considerando as coisas que vocês disseram e fizeram antes da sua partida. Vocês trocaram cartas desde então, mas nessas nada a respeito daquele dia foi mencionado. Algumas vezes em sua paranóia você se perguntava se você não tinha imaginado, afinal as palavras cheias de raiva trocadas naquele dia eram tão diferentes de todos

os dias que vieram antes, esse era um pensamento agradável.

“Eu não ouvi ninguém na vila comentando que tinha um pelotão vindo para esses lados.” você diz.

“Isso é porque não tem, eu vim sozinho.”

“Elijah, por favor não me diga que você desertou do exército, você sabe o quão terríveis as punições são.”

“Eu pareço com um desertor para você?”

Você dá para ele um olhar de quem já tinha o visto quebrar todo tipo de regra, mesmo aquelas que poderiam lhe trazer consequências horríveis, frequentemente apenas porque estava entediado.

“Certo. Justo. Mas eu não sou um desertor. Nada ruim vai acontecer comigo por vir aqui.”

“Promete?”

“Prometo.”

Só então ele te toca, e quando ele começa ele não para.

Ele sente diferente de alguma maneira, mas você decide que não importa, você provavelmente sente diferente para ele também, e como um soneto que você sempre adorou dizia *amor não seria amor se este se alterasse quando alteração no outro encontrasse*. Vocês não precisam permanecer os mesmos. O que permanece por debaixo das alterações era você e ele, era amor. Vocês estavam juntos, vocês estavam bem.

Após acabar você deita sua cabeça no peito dele, olhando para as estrelas você pensa na última briga que vocês tiveram quando você finalmente contou para ele que ele iria partir sozinho, que você ia ficar aqui. O quão furioso ele ficou, como ele te chamou de fraco e um covarde. Escolhendo sua torre mesmo com a possibilidade de fuga ali tão fácil e alcançável. E isso era um problema, Lane Hall talvez fosse uma torre, mas não era uma prisão, pelo menos não uma que você escaparia.

Você olha para ele, sereno debaixo do luar, e se sente culpado por arruinar o momento.

“Eu ainda não posso ir com você, eu sinto muito. Eu sei que nós sonhamos de viajar o mundo tendo aventuras, mas eu sou o único homem na casa, se

algo acontecer comigo minha mãe e minhas irmãs vão depender da generosidade de primos e tios e eu não posso partir e fazer o que eu quiser sem me preocupar em como vai afetá-las.”

“Tudo bem.” ele diz passando seus dedos levemente por seus cabelos.

“Essa é uma reação diferente da última vez.”

“O tempo muda as pessoas.”

“Eu ainda não terminei.”

“Certo vossa alteza, termine e esse humilde servo permanecerá quieto.”

“Eu achei que você fosse o príncipe.”

“Eu não tenho certeza o que eu sou mais, mas continue o que você ia dizer antes.”

“Certo...Eu sei que você se preocupa que ficando longe nossos sentimentos vão mudar ou enfraquecer, o que eu vou ceder a pressão de achar uma esposa, mas eu lhe garanto que esse não é o caso, certamente algumas das minhas irmãs vão ter filhos e isso é o suficiente para mim. Em termos de

romance eu apenas quero você e eu vou continuar apenas querendo você. Eu prometo."

"Esse não é o tipo de coisa que é prudente prometer."

"Talvez não, mas eu prometo de qualquer maneira."

"Me prometa na próxima vez que nós nos encontrarmos, se você ainda sentir da mesma maneira."

"Tem algo que você queira me contar?"

"Vamos apenas olhar para a lua hoje, vamos deixar as respostas para amanhã."

.

.

.

No dia seguinte veio com a notícia que o bastardo de Lorde Norrington tinha morrido em batalha na noite anterior, e você tentou explicar às pessoas que havia um erro, que não tinha maneira nenhuma dele estar morto porque você o viu na noite

anterior, ele não estava mais lá quando você acordou mas havia muitas explicações para isso.

Você não acreditou até o corpo chegar alguns dias depois, na manhã de 24 de dezembro com todas as condecorações que um soldado que morreu pela pátria merecia.

O enterro ocorreu naquele mesmo dia e então você foi para o seu quarto.

Apesar de tudo ainda houve uma ceia de natal naquela noite no andar debaixo. Pouco após a meia noite sua mãe apareceu no seu quarto, carregando uma bandeja de comida e depois de colocá-la na sua escrivaninha se sentando ao seu lado. A presença dela, geralmente um conforto, agora era a última coisa que você queria.

“Feliz natal.” ela diz.

Você não responde.

“Você quer conversar sobre Elijah?” ela pergunta.

“Não com a senhora, você nunca gostou dele.”

“Sim, mas não pelo motivo que você acha, ele era tão parecido com o seu pai, e você foi sempre tão similar a mim. Eu sabia que ele ia partir o seu coração um dia.”

Isso te surpreendeu, mas ainda assim você diz:

“Eu gostaria de ficar sozinho agora mãe.”

“Certo. Se você precisar de mim, eu vou estar lá embaixo.”

Você adormece entre lágrimas e acorda com estas secas em seu rosto e com o som de pedrinhas sendo jogadas contra a janela do seu quarto em um padrão bem reconhecível de intervalos de sete em sete segundos.

Você desce pelo pilastre da sacada, seus pés leves e precisos, sabendo onde pisar e como não cair ou fazer barulho que acordaria aqueles que dormiam dentro da casa. Mas dessa vez você não se importaria se eles ouvissem, se alguém visse que realmente ele estava aqui.

Você olha para ele, vendo todas as diferenças, como a pele dele parecia quase translúcida debaixo da lua, como o corpo dele não tinha nenhuma sombra

debaixo, como você não viu isso antes? Você estava realmente tão cego por amor e saudade? Ou algo em você não estava pronto para ver ainda apesar de ser tão óbvio ?

Você estica seus dedos e roça o braço dele.

“Como eu posso te tocar?”

“Eu não tenho ideia, eu nem sabia que eu poderia até tentar, talvez seja porque eu escolhi ficar aqui para te ver de novo."

"Como assim escolheu?"

"Houve um pequeno momento de escolha, eu não sei se era céu como eles dizem na igreja, mas parecia um lugar bom, e ainda assim eu escolhi você. Você devia se sentir bem lisonjeado.”

“Você deveria ter me contado.”

“Oh e você teria acreditado se eu dissesse que eu morri um pouco mais cedo naquela noite?”

“Não, mas ainda assim você deveria ter me contado...e eu deveria ter estado lá, se eu tivesse ido com você talvez eu poderia-”

“Você poderia ter morrido, a maioria dos homens que lutaram comigo naquele dia o fez. E o que seria da sua mãe e das suas irmãs?”

“Não use minhas palavras contra mim.”

“Eu não estou contra você, eu estou apenas mostrando que você estava certo. Eu fui porque eu queria glória e aventura e eu arruinei tudo para nós dois. Eu realmente sinto muito.”

“E eu ainda prometo o que eu disse na última vez que nós conversamos.”

“Você não pode estar falando sério, até que a morte vos separe não significa nada para você? Meu amor, a morte nos separou.”

“Esses são os votos que eles fazem, não os meus. Amor não é amor se esse se altera quando alteração encontra e eu amo você. Nada vai mudar isso. Não tempo, não distância, não morte.”

Elijah pareceu um tanto atônito por um segundo, tocado obviamente mas ainda hesitante, um tanto tímido. Você amava quando você conseguia deixar ele desse jeito.

“Citando Shakespeare huh? Isso é um tanto melodramático, você não acha?”

“Você literalmente escolheu ficar comigo ao invés de ir para o céu, você realmente quer falar sobre eu sendo melodramático?”

“Eu disse bem claramente que eu não tinha certeza se era o céu...e ainda assim isso é uma coisa tão estúpida de prometer.”

“E também uma coisa tão estúpida de se fazer no seu caso.”

Você sente algo cair na sua bochecha, um floco de neve. Você estava certo, vai ser um natal branco esse ano.

Ele toca a sua bochecha para limpar o floco de neve.

E você pode sentir ele. Diferente mas ainda ele. Você o beija enquanto a neve cai ao seu redor. E dentro você sabe que isso é uma consolação após a tragédia, não um final feliz. Mas por este momento sente bastante como se fosse.

Terças e Quintas
Ela estava lá de novo.

O que surpreendeu Fernanda um pouco, geralmente Camila fazia a tour guiada por ela nas quintas feiras quando o museu estava mais vazio. Isso era um tanto lamentável ela decidiu, geralmente quando ela achava que ela ia aparecer, Fernanda colocava pelo menos alguma informação nova para fazer a experiência um pouco diferente da semana anterior.

"Ela provavelmente nem presta atenção no que você fala, ela provavelmente só vem aqui pra tirar fotos." Um dos colegas de trabalho dela tinha lhe dito quando ela contou sobre esse hábito.

O comentário a incomodou um pouco, principalmente porque ela sabia que tinha uma chance grande de ser verdade. Fotos de certas maneiras eram a maneira como a jovem mulher ganhava a vida, tendo cerca de dezenove mil seguidores no instagram da última vez que Fernanda tinha checado.

Após o comentário Senhora Estevez, a diretora do museu, que estava por perto, disse que qualquer publicidade para o museu era boa publicidade.

E Fernanda sabia que isso era verdade, e ainda tinha algo a respeito do negócio todo que a perturbou, e não apenas pelas vezes que ela teve que parar pessoas de beijarem as estátuas para fotos pela *aesthetic* que geraria alguns likes a mais no instagram. Mas sim porque ainda havia o lado meio esnobe intelectual que achava que as pessoas estavam apreciando aquele lugar da maneira errada.

Ela realmente não gostava daquele lado dela mesma, apesar de ser algo bem comum na sua experiência o mundo acadêmico e esnobismo andam de mãos dadas às vezes. Ela não via isso tanto nas escolas onde ela tinha dado aula, mas era proeminente em sua vida desde que ela tinha começado seu trabalho de meio período no museu. A lembrava demais a época da faculdade e do seu mestrado, todos os joguinhos de poder e conhecimento em nome de prestígio.

Depois da tour os visitantes ficavam soltos para vagar pelo museu, geralmente após terminar a tour Fernanda ia para longe, mas naquele dia ela resolveu ficar e notou Camila pegar sua câmera e tirar algumas fotos de si mesma, e depois olhar para a câmera parecendo meio insatisfeita.

Fernanda andou até ela e disse:

“Você quer que eu tire a foto para você?”

Camila pareceu surpresa por ela estar falando com ela por um momento, mas aí sorriu e disse:

“Oi. Sim, isso seria ótimo. Obrigada.” ela disse e entregou sua câmera digital para Fernanda e lhe explicou quais botões apertar e como ajustar o foco ou o zoom. Era bem mais complicado do que a câmera do seu celular, mas ela entendeu.

Camila fez pose ao lado de um busto virado de lado, seu rosto na mesma posição da estátua. Por alguns segundos Fernanda não apertou o botão para tirar a foto, apenas ficou observando a imagem na tela.

Ela realmente é fotogênica, Fernanda pensou. *Ou talvez seja fácil ser fotogênica quando se é tão bonita assim.*

Só então ela percebeu que talvez ela tinha uma queda pela garota. Teoricamente seria possível algo acontecer, ou pelo orientação sexual não seria um impedimento, na informação descrita na bio dela Camila tinha escrito que ela era bissexual e haviam

algumas fotos dela marchando com um grupo de amigos na parada gay que acontecia na cidade em junho.

Fernanda tirou a foto e achou que tinha ficado boa, mas resolveu tirar mais algumas apenas para garantir.

“Aqui.” Fernanda disse entregando a câmera de volta para Camila.

“Essas ficaram ótimas.” Camila disse vendo.

“Isso significa que você vai postá-las na sua página?”

“Sim. Eu acho que vou...Você me segue no instagram ou no twitter?”

“Eu não te sigo, mas às vezes eu vejo as fotos onde o museu foi marcado. E as suas são algumas das mais populares.”

“Oh okay.” ela disse soando ligeiramente decepcionada. “Então você gosta de sorvete?”

“Uh sim, porque a pergunta?” Fernanda disse meio confusa.

“Porque servem um ótimo sundae na sorveteria na frente do museu e eu queria saber se eu poderia te pagar um como agradecimento por ser minha fotógrafa hoje.”

“Não é necessário, eu fiquei feliz por ajudar.”

“Eu sei que não é necessário, mas eu quero fazer. Vamos?”

Alguns minutos depois elas estavam na sorveteria.

E Fernanda se sentiu meio nervosa, provavelmente porque ela geralmente não saia muito com outras mulheres que eram lgbt.

Não seja estranha, isso não é um encontro, ela só está sendo simpática. Fernanda disse para si mesma observando Camila andar até ela do balcão trazendo duas casquinhas de baunilha e chocolate.

“Obrigada.” Fernanda disse pegando sua casquinha.

“De nada.”

Ela provou o sorvete e o gosto era bem melhor do que ela estava esperando. Depois de alguns segundos de silêncio ela disse:

“Sabe, você não precisa assistir a tour toda vez, se você quiser só tirar fotos no museu tudo bem, ninguém te julgaria por isso.”

“Acredite ou não, eu gosto das suas tours e história e tudo mais.”

“Eu sinto muito, eu não quis implicar que-”

“Tudo bem, você não me ofendeu.” ela disse e deu um sorriso gentil. “Então como está o seu sorvete?”

“Muito bom...eu já passei na frente dessa sorveteria umas cinquenta vezes mas nunca tinha entrado.”

“O sundae deles também é maravilhoso, eu venho aqui quase todas as quintas depois de sair do museu...você provavelmente deve estar cansada de ver meu rosto lá toda semana.”

“Não realmente, seu rosto não é do tipo que uma pessoa fica cansada de ver. Mas eu fiquei surpresa de te ver numa terça, o que te fez mudar o seu dia de visita habitual?”

Camila sorriu e então disse:

“Eu descobri que você também é uma das guias nas terças.”

Amada

Ao contrário do que seria esperado de Penélope, no meio da festa de celebração ao seu noivado com Odisseu, não estava no grande salão com os outros aproveitando a música e a comida, mas sim descendo as pedras da colina na direção do rio ao encontro de sua mãe.

E ela estava lá quando os pés dela chegaram a água. A náiada Periboea, e com seus dedos que tinham uma textura estranha que parecia misturar carne e água, ela tocou o rosto de sua filha.

“Você devia estar na sua festa minha menina.” a náiada disse.

“É meu noivado, não minha festa.”

“E de quem seria a festa se não sua?”

“De Helena. Como é toda festa em que ela está.”

Periboea sorriu.

“Não faça isso, por favor. Eu sei que eu estou sendo invejosa e mesquinha. Mas minha dor é real e eu não mereço ser caçoada pela minha mãe.”

“Eu não estou fazendo pouco de você.”

“Então porque esse sorriso?”

“Porque você é jovem e você sabe tão pouco. E também porque não há qualquer motivo pra você invejar Helena.”

“Ela é a mulher mais bela do mundo, todos os homens do salão que vieram para o reino vieram por ela. O homem que eu vou me casar queria ela primeiro e eu sempre saberei disso.”

“Sim ela é bela, ela passará sua vida sendo desejada, mais talvez do que qualquer mulher já foi. Mas você minha garota será amada, pelo seu marido, pelo seu filho e pelas gerações que virão. E contrário também é verdade, ela desejará e desejará, e você amará e amará. Haverá dor na sua vida e haverá solidão e espera, mas essa vai passar. Esse é um destino mais raro, e mais gentil.”

“Você pode me contar o que vai acontecer comigo e com Helena?”

“Não mais do que eu já contei.”

“Porque não?”

“Porque eu simplesmente não posso, e porque o que vai acontecer vai acontecer de qualquer maneira. A maçã já foi jogada e o príncipe escondido já fez sua

escolha, e todas as peças já estão se movendo, porque ninguém nesse mundo é livre exceto por Zeus. Também porque é hora de voltar para a sua festa, seu noivo está vindo te buscar."

Penélope olhou para as pedras e lá estava Odisseu descendo ao seu encontro, quando ela voltou seus olhos para sua mãe, esta já tinha desaparecido só havendo agora o rio calmo da noite de verão.

"Não desça mais, eu vou encontrá-lo no meio." ela gritou na direção de Odisseu.

E ele fez o que ela disse.

Quando ela chegou no ponto em que Odisseu estava ele disse :

"Todos estavam se perguntando onde você estava."

"Você está mentindo."

Ele pareceu surpreso com isso. Era raro perceberem quando ele mentia.

"Eu estava me perguntando onde você estava...com quem você estava falando lá embaixo ?"

"Minha mãe."

“Oh. Pena eu não ter descido mais rápido, eu sempre quis conhecer uma náiada, especialmente uma que será minha sogra. Elas são conhecidas por às vezes dizerem um pouco sobre o futuro, ela disse algo sobre o nosso?”

“Basicamente que eu serei bem feliz no fim aparentemente. Mas nada mais.”

Ele sorriu quando ela disse isso. Era verdade que ela não era a mulher mais bela do mundo, mas ele também não era o homem mais belo do mundo, mas ele parecia bem atraente quando ele sorria. E quando ele estava cortejando sua prima ele nunca havia sorrido para ela do jeito que ele estava sorrindo para Penélope agora. Talvez se ele tivesse tudo teria sido diferente.

Penélope não o amava ainda, mas acreditava nas palavras de sua mãe que ela iria um dia, e uma vez que ela tivesse começado ela não iria parar.

“Isso parece o suficiente pra mim.” Odisseu disse.

“Sim, eu suponho que é.” Penélope disse e juntos eles começaram a subir as pedras.

Eu só vejo você

Pela maior parte daquele ano, Cora não sabia quem a garota realmente era. Ao seu ver, apenas uma das muitas alunas que tinham começado naquele ano na academia de balé onde ela era professora pelos últimos dez anos.

E ainda assim Cora a notou entre todas as outras jovens que tinham sonhos de fama e glória no mundo do balé clássico, a maioria desses sonhos que seriam destruídos antes mesmo delas se formarem. A técnica dela era boa e ela era bela, mas o mesmo podia ser dito sobre a maioria das outras jovens aceitas ali. Mas havia algo em Olívia que parecia brilhar, uma qualidade rara que havia nela que Cora não via nos outros alunos de sua classe.

Também havia a maneira como Olívia parecia reagir a ela.

O brilho em seus olhos quando elas foram apresentadas. A maneira como ela se focava em seu rosto quando Cora explicava algo. A maneira como os pêlos de seu pescoço se arrepiavam quando Cora a tocava para corrigir sua forma. E seu sorriso que sempre parecia um pouco mais caloroso quando direcionado a Cora.

Já tinha acontecido antes de outras estudantes desenvolverem quedas por ela, admiração tão frequentemente acabava sendo confundida por atração em situações de proximidade como aquela. Mas era a primeira vez que Cora quis fazer algo a respeito.

Ela sabia que não deveria, então ela passou os dois primeiros semestres de Olívia apenas a tratando como ela tratava todas as outras alunas e ignorando o bater acelerado de seu coração toda vez que a garota lhe dirigia um sorriso. Tinha que ser assim, Olívia tinha apenas dezenove anos e Cora estava em uma posição de autoridade sobre ela. Mas saber disso não tinha sido o suficiente para expulsar a jovem bailarina de seus pensamentos, ela era tão adorável e desde que a conheceu Cora se encontrou querendo coisas que ela achou que tinha deixado para trás há muito tempo atrás.

Um dia na sala de professores, Cora ouviu duas outras professoras falando o nome de Olívia, e discretamente começou a prestar atenção na conversa. Segundo o que foi dito, o sobrenome original de Olívia não era Alette, mas sim outro de alguém muito famoso no meio delas e que ela tinha trocado antes de se mudar.

A história soava ridícula, o sobrenome de alguém de renome só ajudaria a garota a se destacar. E ainda assim as palavras das outras professoras ficou na cabeça, então ela pediu na secretaria o arquivo de Olívia, e se surpreendeu ao ver que a fofoca estava certa, Olívia tinha trocado o sobrenome, e seu sobrenome anterior era o mesmo de um bailarino de renome no ramo. E Cora entendeu porque ela tinha se encantado com o sorriso de Olívia, fazia sentido afinal o mesmo sorriso em outro rosto havia a encantado antes.

.

.

.

Cora tinha conhecido Oscar Briar naqueles mesmos corredores por onde ela andava quase todos os dias, e havia se apaixonado por ele rápido. Mais rápido do que ela devia. E continuou apaixonada nos decorrer de seus anos na academia e após se formar e ser aceita junto com ele para uma companhia de balé de renome. E lá com ele, Cora dançou por três belos anos, até um dia em que ele a deixou cair no meio de uma apresentação. Uma queda que quebrou seus ossos e fez com que seu grito de dor ecoasse pelo auditório.

Uma queda que a levou a fazer três anos de fisioterapia para recobrar o uso de suas pernas, e que resultou no fim de sua carreira de bailarina profissional.

Ela poderia ter o perdoado por isso, mas não por ele ter se afastado quando ele viu o que o seu erro tinha feito com as pernas dela, e por logo depois ter arranjado em sua nova parceira de dança uma amante.

Na semana que seguiu ela continuou olhando para Olívia , procurando nela traços dele além do sorriso. A garota tinha puxado mais sua mãe em aparência, mas Cora agora conseguia ver um pouco dele nela. Ela se sentiu grata pelo semestre estar acabando, talvez nas férias ela conseguiria pensar mais claramente. E talvez no próximo ano Olívia não fosse sua aluna, e ela poderia apenas ignorá-la quando elas se passassem pelos corredores.

.

.

.

No último dia de aulas antes das férias de verão, Cora após sair da confraternização dos professores foi até sua sala particular recolher suas coisas e se

surpreendeu ao encontrar Olívia lá, olhando para as fotos das apresentações em sua parede.

“O que você está fazendo aqui?” Cora perguntou.

Olívia não pareceu surpresa ou embaraçada por sua presença ali.

Ela apenas olhou para Cora, e dessa vez pela primeira vez ao encontrá-la Olívia não sorriu.

“Sua porta estava destrancada, você devia ter mais cuidado.”

“Eu vou ter no futuro. E você não me respondeu porque você está aqui.”

“Eu vim porque eu quero saber porque você parou de gostar de mim.”

“O que faz você pensar que eu gostava de você para começar?”

“Não era tão difícil de perceber. Você me tratava da mesma maneira que você tratava as outras alunas, mas os seus olhos me seguiam de uma maneira que eles não seguiam as outras. Eu gostava disso. Eles ainda me seguiram nessa última semana, mas nos últimos dias não há calor nenhum neles, só frieza. E

eu preciso saber o porquê. Eu preciso saber se foi algo que eu fiz, ou se é por causa dele."

Cora por um momento considerou se fazer de desentendida, mas Olívia estava sendo tão honesta e tão aberta que agir assim lhe pareceu vergonhoso.

"Sim, eu descobri quem o seu pai é, semana passada."

"Ele não é realmente meu pai, sabe. Não de nenhuma das maneiras que realmente contam. Só em sangue. Ele não é uma parte da minha vida. Ele me deixou com as minhas tias após a minha mãe morrer quando eu tinha cinco anos. E ele não voltou."

A história não surpreendeu Cora, o pai de Olívia era um homem que não era bom em lidar com dor e responsabilidade, seja com ela ou com a menina triste que precisava de um pai ao seu lado mais do que nunca. Era previsível, e ainda assim fez algo em seu coração doer. Por ela mesma e por Olívia, por saber muito bem como sentia ser deixada para trás.

Ela entendia porque a garota tinha resolvido trocar seu sobrenome mesmo sabendo que ter um pai famoso conseguiria abrir bem mais portas do que seu talento e esforço.

Mas uma dúvida continuava, e ela precisava saber agora.

“Se é assim que você se sente porque você decidiu seguir os passos dele?”

“Quando eu tinha quatorze eu não conseguia nem ouvir o nome dele sem sentir raiva, eu brigava com minhas tias toda vez que elas diziam algo bom sobre ele, dizendo que nada sobre ele prestava, que eu odiava como parte do meu sangue vinha dele, como eu vinha dele. Eu acho que por isso elas resolveram me mostrar alguns vídeos das apresentações dele quando ele estudava aqui. Acho que pra mostrar que ele não era de todo mal, que apesar de seus defeitos ele era capaz de criar algo belo. Não funcionou da maneira como elas planejaram, eu assisti os vídeos de novo e de novo aquela tarde, mas tudo que eu podia ver era você. E eu me apaixonei. E no próximo dia eu pedi às minhas tias para me colocarem em uma aula de balé. Eu acho que eu poderia agradecê-lo por ter acabado aqui, mas não por muito além disso.”

Cora não sabia se quando Olívia falava de se apaixonar ela estava falando sobre o balé, sobre ela ou sobre os dois. E ela não ousava perguntar. Ela não sabia o que ela devia dizer ou fazer, sentia como

um teste de múltipla escolha em que todas as opções apresentadas parecem erradas.

Após se tornar claro que Cora não sabia ia dizer nada em resposta, Olívia continuou:

“Obrigada por responder minha pergunta. Eu espero que você tenha um bom verão.” Olívia disse e partiu.

Vendo ela andar para longe, Cora não viu o pai da garota em seu andar.

Ela apenas viu Olívia.

Amor Depois do Fim do Mundo

Você costumava sonhar sobre ter aventuras com esse homem quando você era nova.

Embora Davi não fosse um homem na época, apenas um garoto que era amigo do seu irmão mais velho com o sorriso mais belo que você tinha visto e você apenas uma menina tola que não conseguia olhar para ele sem corar.

Você está tendo uma aventura com ele agora, mas não é um sonho, é um pesadelo.

A agulha dói enquanto ele costura a parte da sua bochecha que caiu com a parte que continua. Não há anestésicos aqui, e Davi está preocupado em deixar o ferimento aberto. Você cerra seus punhos e consegue não gritar e você sente orgulho disso.

Ir para o hospital não é uma opção, no dia em que o mundo acabou o hospital foi o primeiro lugar que vocês foram para levar Breno após ele ser mordido e lá vocês só acharam caos, e mais do que algumas horas depois ele se transformou.

Davi não o matou, após ele se transformar ele apenas o soltou no carro e dirigiu pra longe, você se pergunta se o mesmo vai acontecer com você, se ele vai fazer o mesmo ou se ele vai simplesmente atirar

em você. E voltar para o mais próximo que vocês têm de uma casa agora e dizer que infelizmente mais um dos sobreviventes foi perdido.

Tem uma enfermeira no lugar onde vocês tem ficado desde o mês do fim do mundo, uma com mãos firmes e habilidosas que faria um trabalho melhor do que ele nos pontos, mas ele tem medo de te levar pra lá, medo que no segundo que eles virem a sua cara eles vão atirar em você sem se preocupar em esperar para ver se você está infectada ou não. Ele espera, no entanto, e você se sente tocada por isso. Por ele ainda se importar, por ele não ter entrado em modo de pura sobrevivência como os outros. Ainda nobre por dentro, você era uma menina tola, mas você estava certa sobre uma coisa, ele é como um príncipe de contos de fadas.

Após ele terminar os pontos, ele pega um pano molhado e limpa o sangue seco do seu rosto e pescoço, a área toda está dolorida mas você não diz para ele parar.

“Me passe o espelho.” você diz.

“Eu não tenho certeza se isso é uma boa idéia.” ele diz.

“É meu rosto, eu tenho o direito de ver como está.”

“Tá.” ele diz e hesitantemente pega o espelho que pertencia às pessoas da casa que vocês invadiram.

Pelas fotos era um casal com dois filhos, pelas fotos eles pareciam felizes. Não há nenhum sinal deles na casa, você espera que isso signifique que eles conseguiram fugir antes das coisas ficarem ruins demais, mas esse é o seu lado menina falando novamente, o lado que quer acreditar em finais felizes.

Davi te entrega o espelho e seu rosto está deformado. Sua bochecha inchada e há apenas destroços do que costumava ser a sua orelha. Você olha para os pontos e sabe que mesmo após desinchar vai continuar feio e você certamente vai ter uma cicatriz e você pensa como sua mãe costumava dizer que você era a menina mais bonita do mundo. E como ela não pensaria isso se ela pudesse te ver agora.

Você sente uma lágrima se formando no seu rosto e se sente tão estúpida, *que tipo de pessoa se importa com beleza quando o mundo acabou?*

Davi limpa a lágrima do seu rosto com o dedão dele. E diz :

“Não está tão ruim assim.”

É uma mentira. Mas é uma mentira gentil então você diz :

“Obrigada.”

“Eu acho que nós devíamos tentar dormir agora, eu já coloquei bloqueios em todas as entradas, nenhum deles vai nos encontrar aqui.”

“Certo, vamos dormir.”

E aí ele deita na cama com você, e ele não devia fazer isso, não é seguro. E se você se transformar no meio da noite? Mas você não consegue se forçar a mandá-lo para longe, especialmente não quando ele coloca os braços dele ao redor dos seus ombros. E você se sente grata pela coincidência dele ter estado no mesmo shopping idiota que você no dia em que o mundo acabou e por ter te puxado para longe quando as coisas começaram a parecer estranhas.

Essa noite você adormece sendo segurada pelo homem dos seus sonhos, uma fantasia de infância realizada.

Talvez a última.

Lua de Mel

"Não se preocupe cara, noivas sempre se atrasam, você não tem motivos pra se preocupar." O padrinho de casamento disse para o noivo, e tentou lhe dar um sorriso encorajador.

Rodrigo não estava acostumado em ser aquele que dizia que as coisas iam ficar bem, mas era Felipe então ele abria uma exceção, Felipe sempre era a exceção.

"Você provavelmente está certo." Felipe disse sorrindo, mas ainda olhando preocupado para a porta da igreja.

.

.

.

A noiva não apareceu, e pouco a pouco os convidados do casamento começaram a sussurrar rumores.

.

.

.

"Aquela puta."

"Rodrigo por favor não fale dela assim."

"Certo, como você chamaria uma mulher que deixa o noivo no altar pra fugir com o irmão dele?"

"As coisas são complicadas."

"Cara esse não é o momento pra ser razoável e compreensivo, fique com raiva, quebre alguma coisa."

"Mas eu não estou com raiva."

Apenas me sentindo miserável, Felipe pensou.

"Então vamos sair, beber ou algo assim."

"Eu não posso, tenho que ligar pro hotel, e pra companhia aérea pra cancelar as reservas e ver se eu consigo algum reembolso."

"Eu acho que essa sentença é até mais triste do que você ser deixado no altar."

Isso conseguiu trazer um breve sorriso aos lábios de Felipe.

"Não faça nenhuma ligação, vá na sua lua de mel, se divirta, tire umas férias, você merece."

"Eu não acho que perambular pela Europa sozinho por um mês venha a me animar tanto assim."

"Então não vá sozinho."

.

.

.

Realmente mudar as passagens de avião do nome de Tamara para o de Rodrigo tinha sido mais simples do que pedir por reembolsos. Felipe concluiu que ele deveria estar em algum tipo de choque por esse tipo de coisa estar na sua mente ao invés de o fato que agora em algum lugar do outro lado do oceano a mulher com quem ele pretendia passar o resto da sua vida provavelmente estava nos braços de seu irmão.

"Cara, o hotel nos deu champanhe e chocolates de graça!" Rodrigo disse examinando a mesa de cabeceira do quarto.

"Tem certeza que é de graça?"

"Sim, diz no cartão. O hotel oferece seu cumprimento aos recém-casados. A reserva para

suíte de lua de mel estava só no seu nome certo? Então eles devem achar que eu sou o seu marido."

"Eu vou corrigir eles depois."

"Porque corrigir? Coisas de graça Felipe, talvez a gente possa viajar pela Europa recebendo champanhe e chocolate de graça, e quem sabe que outras regalias nos aguardam, tudo que eu preciso fazer é te chamar de querido na frente do pessoal do hotel."

"Tá. Mas eu não acho que me chamar de querido seja exatamente necessário."

"Talvez não, mas eu acho que eu vou fazer de qualquer maneira, querido."

.

.

.

Visitas a museus e a pontos históricos em geral não eram exatamente o tipo de passeio que Rodrigo gostava, mas ele passou a sua semana em Paris fazendo isso para agradar Felipe, ir nos lugares que ele e Tamara tinham planejado ir e depois de volta para o hotel nadar um pouco na piscina e pedir pelo

serviço de quarto quando eles sentiam fome. Mas não na última noite deles ali, eles foram para um bar e beberam absinto, e Rodrigo que não sabia falar mais de cinco palavras em francês tentou arranjar essas duas garotas para ele e Felipe, elas riram um pouco mas acabou ficando só por isso mesmo, mas ele não se importou, teria sido legal mas ele não achava que teria sido melhor do que simplesmente andar com Felipe do bar até o hotel.

Eles pararam em uma ponte onde eles podiam ter uma visão clara da Torre Eiffel iluminada na noite. Era uma bela construção durante o dia, mas a noite era de tirar o fôlego, ele olhou para Felipe esperando achar algum encantamento na expressão de seu rosto, mas este não estava lá.

“Você parece triste.”

“Melancólico, tem uma diferença.”

“Aquela vaca não te merecia.”

“Eu não estou pensando nela, bem pelo menos não nela especificamente.”

“Então no que você está pensando?”

“Você vai achar idiota.”

“Talvez, mas me conte de qualquer maneira.”

“Eu queria um beijo na frente da torre Eiffel, eu sei que é idiota e que é algo que garotas geralmente sonham, mas eu sempre quis um, tá até na minha lista de coisas pra fazer antes de morrer, e eu achei que eu ia tirar esse item nessa viagem.”

“Eu não acho tão idiota assim.”

“Obrigado.”

“O beijo precisaria ser com alguém que você está apaixonado?”

“Eu costumava imaginar que seria, mas não é exatamente necessário.”

Se ele estivesse em casa ele provavelmente não oferecia, mas era Europa e todos que eles conheciam estavam do outro lado do oceano.

“Então vamos fazer.”

“Você está falando sério?”

“Sim, eu tenho lábios e a torre está ali, e assim você pode riscar esse item da sua lista e se focar nos outros.” Rodrigo disse e beijou Felipe antes que seu amigo pensasse nos motivos por aquilo era uma má idéia.

Algumas vezes ao longo dos anos ele pensou algumas vezes como seria beijar Felipe, e suas fantasias masturbatórias era sempre sensual e quente, mas quando ele pensava nisso sem as suas mãos em suas calças ele sempre imaginava que seria estranho e desconfortável, mas na realidade acabou sendo apenas divertido e agradável, e eles podiam se sentir sorrindo em meio ao beijo. E quando o beijo acabou os dois estavam rindo.

“Agora você pode riscar um item da sua lista.”

“Na verdade dois itens. Obrigado.”

“De nada, querido.”

O Ato de Observar

Ela começa o desenho pela silhueta, do ângulo em que a figura presente no meio da sala está visível para ela. O posicionamento das pernas e dos braços na cadeira.

Então ela desenha os olhos dele, seu queixo delicado e seus dedos longos. Era mais fácil para ela do que para os outros alunos na aula, afinal ela passou anos desenhando aquele rosto, aquelas mãos. Ela conseguia desenhá-lo sem nem olhar para ele, apesar disso ela olha e olha, como ela sempre fez.

Os modelos para a aula de desenho geralmente eram outros alunos da universidade que precisavam de dinheiro. Hugo não estudava lá, e ele definitivamente não precisava de dinheiro, não com seus pais médicos bancando tudo. Quando a professora apresentou o modelo da aula daquele dia, Cecília quase foi até ele perguntar o que diabos ele estava fazendo ali, mas decidiu melhor não, porque ela tinha certeza que isso era precisamente o que ele esperava que ela fizesse. Ela foi para seu cavalete habitual e decidiu que apenas falaria com ele no fim do aula.

Ela tentou manter seu foco nos detalhes da sua forma, mas houveram momentos durante a aula que os olhos dela encontraram os dele. Isso era um desenvolvimento recente, ele a observando ela enquanto ela o observava. Ela ainda não sabia ao certo como se sentir a respeito disso, alguns anos atrás teria feito dela a garota mais feliz do mundo, mas ele nunca teria feito isso naquela época.

A professora diz que o horário acabou, e entrega um robe para Hugo e ele vai para a sala de trás colocar suas roupas. Ele demora a se vestir, e quando ele saí a professora e todos os outros alunos já não estão mais presentes, exceto por uma.

“Olá Cecília.”

“Hugo.”

“Porque você não veio falar comigo antes?”

“Isso é meu ambiente de aula, a arte é o foco.”

“Tão séria, nem parece você.”

“Eu posso ser séria às vezes, você devia tentar um dia desses.”

“Parece chato.”

“Então porque você veio aqui hoje? Eu sei que você não precisa do dinheiro, então qual o motivo?”

“Um pouco porque eu nunca fiz antes, pareceu que daria uma história interessante para contar um dia sobre a vez que eu trabalhei como um modelo nu.”

Ela ri.

E ele apenas observa ela por um segundo antes de continuar:

“..Mas mais por sua causa, você estava reclamando no outro dia que só tinham modelos feios na sua aula ultimamente, eu quis te fazer um agrado, eu sou um cara legal.”

“Convencido...porque você está sorrindo?”

"Por que você está vermelha?”

“Eu perguntei primeiro.”

‘Minha resposta estava na minha pergunta.”

“Eu tenho que ir para aula agora.”

“Você está evitando o assunto.”

“Um pouco, mas eu também estou bem atrasada já...se você estiver disposto a esperar eu só tenho

mais uma aula, aí quando acabar nós podemos conversar mais."

"Eu posso esperar."

E ela teve que ir imediatamente porque ela não confiava que mais alguns momentos na presença dele não fariam com que ela corasse ainda mais, ou pior deixar todas as suas inseguranças e dúvidas de lado e apenas beijá-lo como ela havia passado tanto tempo sonhando em fazer.

E ela podia sentir os olhos dele ainda fixos nela enquanto ela andava para longe.

A Princesa do Verão

Se perguntassem para Nia ela diria que foi uma decisão racional salvar a princesa. Toda a sua pesquisa dizia que Natsu só morreria na sua velhice, segundo algumas teorias após uma vida guiando pelas sombras sua filha que um dia seria Imperatriz. E a jovem mulher engasgando na sua frente mal tinha completado seus vinte anos.

Por tanto, deixá-la morrer quando ela se engasgou com uma maçã que ela tinha pego no bosque real durante a sua caminhada matutina seria basicamente mudar toda a história. E caso isso acontecesse ela teria que reescrever toda a sua pesquisa feita para o seu mestrado (isso é claro se ela e a universidade ainda sequer existissem, muitas pessoas talvez deixassem de nascer já que a filha de Natsu criou uma linhagem que governou por quase setecentos anos e mudou a história do mundo). Portanto salvá-la era a única coisa responsável a se fazer.

Mas isso seria uma mentira. O que ela viu foi o som de alguém que estava prestes a morrer e de repente todo o seu treinamento como historiadora e viajante do tempo desapareceu e seu treinamento dos verões de adolescência que ela passou como salva-vidas nas praias de Lafien, e quando ela se

deu conta Nia estava aplicando a manobra heimlich na princesa.

Um pedaço de maçã saiu voando de sua boca até o chão, e a princesa ainda estava ofegante, mas sua cor estava voltando ao normal.

"Obrigada." a princesa disse em niehano antigo.

"De nada." Nia respondeu na mesma língua.

“Me diga, quem é você?”

"Meu nome é Nia. Eu sou uma das escribas da comitiva do Lorde Huayang."

Em seu dossiê da missão ela tinha lido o nome dos convidados do palácio na ocasião daquela viagem, sua escolha para a data foi precisamente porque devido ao casamento da irmã mais nova de Natsu o palácio estava cheio de estrangeiros. Lorde Huayang tinha vindo de Malshoh para o casamento, uma pequena nação que era razoavelmente mais racialmente diversa do que Niehan e tinha trago consigo mais de cinquentas servos, então ele era uma das escolhas mais óbvias.

"Você não devia estar aqui, esse lugar não é permitido para empregados, a não ser que esses sejam os jardineiros reais."

Não havia nada disso no seu dossiê. Talvez fosse uma daquelas regras que todos consideravam implícitas e por tanto sem necessidade de ser escrita.

Talvez interpretando seu silêncio como ofensa a princesa continuou :

“Eu estou grata pela sua presença, mas muitos que a encontrassem aqui não teriam a mesma opinião. As regras tendem a ser enforçadas duramente aqui.”

“Eu compreendo vossa alteza.”

"Você fala nossa língua muito bem para uma estrangeira."

"Obrigada, minha senhora."

"Se você me acompanhar pelo resto da minha caminhada ninguém irá puni-la ou vê-la saindo do bosque."

“Obrigada.” ela disse e logo as duas mulheres começaram a andar lado a lado.

O plano original era apenas observar a princesa de longe, mas Nia decidiu que aquilo era uma boa

oportunidade de ver um pouco mais daquela que era o motivo pelo qual ela estava lá.

Na apresentação da missão de projeto para a universidade lhe conceder a verba para a viagem ela falou sobre a importância de registrar a cultura individual daquela nação antes que a anexação ao Império em alguns anos viesse a homogeneizar esta. E ela faria isso, e acreditava plenamente que era uma pesquisa de valor histórico. Mas no nível pessoal que a atraiu para o projeto era a curiosidade sobre a mãe da Imperatriz do Verão.

Na maior parte das biografias da filha falavam de sua mãe como uma mulher quieta que viveu uma vida quieta, apenas uma nota de rodapé na história da vida da sua filha excepcional que mudou o mundo. Mas para Nia sempre houve algo um tanto incongruente sobre isso, as políticas da Imperatriz foram tão diferentes das de seu pai, e embora a mãe da imperatriz não fosse frequentemente mencionada nas pinturas do seu governo ela podia frequentemente ser vista atrás de sua filha, uma figura coberta em um véu negro como era a tradição para as víuvas reais, silenciosa, mas constantemente presente.

Também havia o fato de Natsu ter dado o seu próprio nome para a filha, isso sempre lhe pareceu

um tanto estranho, por muitas culturas era comum ver um pai dando o próprio nome para um filho, mas filhas receberem o primeiro nome de suas mães era incomum a não ser que a mãe em questão tivesse morrido no parto como uma homenagem a vida que foi perdida. Passar o seu nome geralmente significava querer passar um pouco de você mesmo pra frente, garantir que algo sobreviva após seu corpo ter perecido, não apenas em sangue mas em voz, em escrita, em memória.

“Você está animada com o casamento da sua irmã?” Nia perguntou.

Natsu ficou em silêncio por um momento antes de dizer :

“Tão animada quando é possível estar de ver uma amada irmã sendo vendida para um bruto que é indigno dela de todas as maneiras concebíveis.”

Nia não conseguiu esconder o choque pela franqueza na resposta. Pela expressão em seu rosto a Princesa pareceu achar isso divertido.

“Você pode contar isso para Lorde Huayang se você desejar. Minha desaprovação a essa união não é segredo nenhum.”

“Porque você desaprova Lorde Roshan como um marido para a sua irmã?”

“Porque eu o conheci.”

Nia não conseguiu evitar rir brevemente.

Ela olhou para Natsu esperando encontrar divertimento em sua face, mas agora seu olhar estava distante, triste até.

Após alguns minutos caminhando em silêncio Natsu disse :

“Originalmente era para eu me casar com ele. Eu achei que conseguiria afugentá-lo como fiz com todos os meus pretendentes antes, e eu o fiz. Mas eu não considerei que Haru agora era finalmente velha o suficiente para ser casada também, e que ela seria passada para aquele bárbaro. Talvez eu deveria ter aceitado, afinal, Haru é delicada, delicada de uma maneira que eu não sou, será muito fácil para Lorde Roshan fazer sua vontade se valer sobre a dela.”

“Sua irmã acha Lorde Roshan tão detestável quanto você?”

“Não, ela parece gostar dele. Essa é a única benção na minha opinião.”

“Então é melhor que você não tenha aceitado, dessa maneira tanto você quanto ela tem chances de encontrarem felicidade em seus casamentos.”

“Não haverá nenhuma felicidade em casamento para mim.”

“Você não sabe disso.”

“Sim, eu sei. Para pessoas como nós, casamento não significa amor, casamento não significa escolha. E eu não consigo ver felicidade em minha vida sem essas coisas.”

Pelo *nós* Nia ficou em dúvida se Natsu se referia a ela e a irmã, mulheres em geral ou talvez algo completamente diferente.

“Eu sinto muito.”

“Não sinta, eu não estou pedindo por pena. Eu estou apenas dizendo os fatos como eles são, como eu aceitei que eles vão ser.”

“Ainda não é justo.”

“Com isso eu concordo.”

Passando por outra macieira, a princesa estendeu sua mão para pegar uma fruta.

“Cuidado.” Nia brincou.

“Você já comeu uma dessas antes?”

“Sim.” Nia disse automaticamente e no segundo seguinte se arrependeu um pouco já que ela não tinha a informação se em Malshoh maçãs eram comuns.

“Você gostou?”

“Sim.”

“Então pegue uma também. As mudas das árvores desse bosque foram um presente de um viajante que veio até Niehan na época do reinado do meu bisavô, até onde eu sei esse é o único lugar neste reino onde elas crescem.”

“Não é contra as regras servos pegarem frutas do bosque real?”

“É contra as regras você sequer estar aqui.”

“Eu não estava ciente disso quando eu entrei.”

“Certo.” Natsu disse e pegou outra maçã da árvore e estendeu esta até Nia “Agora é um presente, não há regra nenhuma contra aceitar presentes, poderia até ser visto como muito rude recusar algo oferecido a você por sua anfitriã.”

“Então eu vou aceitar.”

Natsu colocou a maçã em sua mão, seus dedos se arrastando de leve pela mão de Nia antes de soltar. Esse ato fez o coração de Nia começar a bater mais forte por um momento. Também um pouco de calor se espalhar por sua face.

Alguns minutos depois, pouco após Nia e Natsu terminarem suas maçãs, elas chegaram até o fim do bosque. Ali, Natsu disse :

“Obrigada por salvar minha vida. Eu lhe devo.”

“Bem, obrigada por me acompanhar pelo bosque, se eu realmente lhe devo alguma coisa você pode considerar isso pagamento o suficiente.”

“Eu temo que eu não posso aceitar isso. Uma dívida deve ser paga proporcionalmente, e minha vida vale bem mais do que um passeio no bosque. E além do mais eu gostei da sua companhia. Eu lhe prometo que um dia eu vou achar uma maneira de lhe retribuir a altura.”

“Certo.”

A princesa sorriu e foi na direção de uma das suas damas de companhia que a estava aguardando enquanto Nia observava.

Tinha sido mais do que um passeio no bosque. Essa conversa tinha lhe dado o suficiente para dizer que a mãe da Imperatriz era mais do que a maneira como ela tinha sido representada nos textos da época. Mas de alguma maneira Nia não estava satisfeita, ela queria saber mais.

Ela queria saber tudo.

Todo Fim é Um Novo Começo

Teseu partiu sem se despedir antes que Ariadne acordasse.

Ele era o tipo de homem que enfrentaria monstros sem hesitar, mas que se esconderia de lágrimas femininas.

Quando Ariadne acordou no lugar de seu amado havia um breve bilhete dizendo que ele sentia muito, mas que ele não poderia retornar para Atenas com uma esposa estrangeira. Também havia uma bolsa cheia de moedas de ouro.

Ariadne era uma princesa de Creta, mas ao ver as moedas por um momento ela se sentiu como uma prostituta.

Teseu provavelmente achou que aquele era um gesto nobre, deixar para ela um meio de retornar para casa, mesmo que sozinha e desonrada. Mas havia bem mais do que o necessário para retornar para Creta, então deveria haver a questão do pagamento, talvez fosse mesmo pela sua virgindade e por todas as vezes que eles dividiram uma cama desde então. Talvez fosse pelo irmão que ela ajudou a matar e que colocaria o nome dele para sempre nas lendas. Ou talvez fosse pelo futuro que ele deixou que ela acreditasse que eles teriam um dia.

Qualquer que fosse o caso, isso deixara ela com uma palavra em seus lábios :

“Babaca.”

Ao invés de comprar uma passagem de volta pra casa ela foi para o mercado e comprou duas garrafas de vinho e se dirigiu ao penhasco mais alto da ilha. Ao longo da tarde que seguiu ela bebeu sozinha o conteúdo das duas garrafas, chorou, gritou contra o mar e muitas vezes pensou em se jogar nas ondas e nas pedras abaixo. Ela imaginou a culpa que Teseu sentiria quando ele ouvisse sobre a morte dela, seria grande certamente, mas não do tipo que consome, não do tipo que arruinaria nele, afinal se ele sentisse tanto assim ele não a teria deixado para trás. Não importa o quanto ela analisasse no fim não valia a pena.

Pouco após anoitecer um homem apareceu, ela não ouviu passos indicando que ele estava se aproximando, ele simplesmente não estava lá um momento e no seguinte ele estava. E as garrafas de vinho previamente vazias novamente estavam cheias.

“Você é o deus Dionísio?” ela perguntou sem delongas.

Ele sorriu.

“Sim. Você está com medo?”

“Não. Eu sei que eu deveria estar mas eu acho que eu estou exausta demais para sentir medo.”

“Você se importa se eu me juntar a você?”

Ariadne olhou meio desconfiada.

“Em beber o vinho Ariadne, em beber o vinho.” ele acrescentou.

“Eu duvido que eu vá ser a companhia mais divertida, mas sim, você pode ficar se você desejar.”

“Obrigado.” ele disse se sentando ao lado dela e já trazendo a garrafa de vinho até os seus lábios.

“Como você sabe o meu nome?”

“Às vezes com certos humanos é pedido que um de nós olhe e intervinha se necessário, e você recentemente passou um tempo considerável com um desses humanos.”

“Teseu.”

“Sim, mas você despertou bem mais a minha curiosidade do que o meu primo mortal. Foi bem engenhosa a sua ideia para ajudá-lo a escapar do labirinto.”

“Apenas lógica básica.”

“Eu ainda assim me sinto impressionado...eu sei que não sente dessa maneira agora, mas ele te fez um favor em deixar você pra trás.”

“Porque se não nós não estaríamos tendo essa conversa?”

“Não. Não me entenda mal, eu estou gostando da conversa, mas isso não tem nada haver comigo. É sobre ele e você, ele não é um homem, ele é um menino, e não importa quantos anos passem ele vai continuar sendo um menino, mesmo se ele tivesse te levado com ele o seu coração teria sido partido.”

“Eu sei que um homem que faria o que ele fez comigo não é um homem que valha a pena se ter. Mas ainda assim dói.”

“Eu posso levá-la para casa se você desejar.”

“Creta não é mais minha casa, e eu não quero voltar para lá, não por muito tempo pelo menos.”

“Certo, então para onde você quer ir?”

“Eu não sei realmente, algum lugar longe e belo, onde Teseu nunca pisara.”

“Eu posso arranjar isso.”

Aviso Prévio

Miguel tinha beijado ele de volta.

Liam tinha certeza disso, e isso por si mesmo era bem mais do que ele estava esperando que acontecesse. Não que tivesse sido planejado, eles estavam sozinhos no quintal de sua casa, conversando olhando para a piscina que naquele dia estava fria demais pra entrar e eles estavam falando como eles geralmente falavam, seja em casa ou na escola meio brincando meio discutindo. E como aconteceu muitas vezes ele pensou em beijar Miguel, mas naquele dia pela primeira vez esse pensamento resultou em uma ação. E por cerca de seis ou sete segundos Miguel tinha beijado ele de volta, e aí Miguel correu.

Ele não correu para muito longe da casa, Liam o encontrou em um dos becos da esquina, parado olhando fixamente para a parede. Inicialmente ele não tinha certeza se ele devia se aproximar ou não, mas após cinco minutos observando Miguel parado ali sem nenhum sinal de que ele pretendia sair dali, Liam se aproximou.

“Oi.”

“Oi.” Miguel disse sem olhar para ele.

“Então você está surtando agora?”

“Não, eu não estou surtando!”

“Eu estou perguntando porque você está encarando para a parede por um tempo e eu estou começando a achar que eu te quebrei.”

“É necessário bem mais do que um beijo para me quebrar.”

“A evidência sugere o contrário.”

Miguel finalmente parou de olhar para a parede e olhou diretamente para ele.

“Por que você fez aquilo?”

Ele estava embaraçado, mas negar o que ele sentia agora não era mais uma opção plausível. E além do mais Miguel tinha o beijado ele de volta, mesmo que apenas por alguns segundos. Isso era tão mais do que ele tinha imaginado, era o suficiente para que ele se sentisse mais esperançoso do que assustado agora.

“Porque você acha? Porque pessoas beijam outras pessoas?”

“Eu não estou perguntando porque as pessoas fazem o que elas fazem, eu estou perguntando porque você fez.”

“Porque eu gosto de você, e eu faço isso já há um bom tempo. Mas se você não quer que eu faça de novo eu não vou fazer. Nós podemos esquecer que isso aconteceu, certo?”

Miguel hesitou por um momento.

“Isso não é o que eu quero exatamente.”

“Então o que você quer?”

“Apenas um pouco de aviso prévio, na próxima vez me conte antes de você fazer, okay? Não vá colocando sua boca na boca de outras pessoas quando elas não estão esperando, é rude.”

“Okay...quando você diz aviso prévio você quer dizer um minuto antes, ou você está pensando mais em algo como te mandar uma carta uma semana antes ou-”

“Pelo menos dez segundos de antecedência.”

“Então se eu dissesse que eu pretendo te beijar em dez segundos você estaria suficientemente avisado?”

“Sim.”

“Então eu vou te beijar em dez segundos, certo?”

“Certo.”

E Liam começou a contar mentalmente. Dez. Nove. Oito. Sete. Seis. Cinco. Mas antes que ele chegasse no quatro Miguel o puxou pela camisa e o beijou primeiro.

E Liam o beijou de volta, como ele sempre soube que ele faria.

Três Sanduíches

Aquela era uma das piores partes do trabalho na emergência do hospital.

Beatriz não se importava de tratar crianças, talvez tivesse algo haver com ter praticamente criado seu irmão ela mesma. Ela realmente não se importava.

Mas lidar com os pais superprotetores de crianças, especialmente os pais de primeira viagem, às vezes era bem irritante, para dizer o mínimo. E o que tinha aparecido no seu plantão naquela noite era um dos piores que ela já tinha visto.

Antes deles chegarem, o hospital recebeu uma ligação de um homem que se identificou como Tiago dizendo que ele estava a caminho com um menino de três anos chamado Danilo e desligou. Ela e os enfermeiros se preparam para algo sério. E quando eles chegaram o menino estava consciente, rindo com seus brinquedos e o único sinal de ferimentos era um pequeno roxo em sua testa que segundo o homem que acompanhava o menino tinha sido o resultado de um tropeço no corredor enquanto ele estava na cozinha fazendo jantar.

Ainda assim ela fez toda a avaliação padrão. Deu um pirulito para o menino que ela mantinha em sua sala para as crianças e os dispensou.

E devia ter acabado por aí se não fosse pelo fato de Tiago estar se recusando a sair da sala dela.

Ela respirou fundo e disse novamente:

“Ele está consciente, o rosto dele está simétrico, ele não mostra sinal nenhum de dano neurológico, ele está bem.”

“Talvez apenas não mostrou os efeitos da queda ainda, eu quero um daqueles exames em que escaneiam dentro da cabeça dele. Um eletroence-alguma-coisa.”

“Eletroencefalograma. E não. Nós podemos manter seu filho em observação por algumas horas, mas eu não vou pedir exames desnecessários.”

“Tá. Mas eu quero que ele seja monitorado constantemente durante esse tempo.”

“Ele vai ser.”

Tiago pausou por alguns instante e então adicionou:

“E ele não é meu filho. Ele é meu sobrinho.”

“Certo, seu sobrinho. Você gostaria de chamar os pais dele para vir aqui?”

“Eu não posso. Minha irmã e o marido dela estão mortos.”

Ela pausou por alguns segundos, ela não era particularmente boa nessa parte. Ao contrário de alguns colegas seu interesse em medicina não vinha exclusivamente de interesse pela ciência de como o corpo humano funciona, ou pelo prestígio da profissão, mas principalmente por um profundo desejo de ajudar, mas ainda assim lidar com pacientes, lidar com morte e aqueles que eram deixados para trás às vezes era difícil.

“Meus pêsames, você é o único guardião legal dele?”

“Sim.”

“Certo. Breno por favor acompanhe o Senhor Nunes para a sala de observação" ela disse para o enfermeiro na porta.

E ele saiu da sala dela, mas não dos pensamentos delas. Talvez fosse por causa do que ele disse sobre sua irmã estar morta, se algo acontecesse com seu irmão ela não tinha certeza como ela seria capaz de seguir em frente.

Duas horas tinham se passado e era hora do intervalo dela, ela foi para o seu armário pegar os três sanduíches que ela geralmente trazia de casa

para quando ela tinha plantão de madrugada, e ao invés de ir para o refeitório ela se encontrou a caminho da sala de observação.

“Doutora Andrade.” Tiago disse, ao vê-la entrando, ele estava sentado no sofá em frente a cama onde Danilo dormia.

“Aqui. Coma.” ela disse entregando para ele um dos sanduíches dela.

“Uh?”

“Você disse que você estava fazendo jantar quando seu sobrinho caiu, eu imagino que você não comeu antes de vir.”

“Eu não comi, eu até tentei mas a cantina-”

“Estava fechada, eles fecham durante a noite e a madrugada.”

“Isso parece idiota, tem pessoas aqui toda hora e não deve custar muito ter alguém ali a noite. Ou pelo menos colocar uma daquelas máquinas que vende comida.”

“Isso é precisamente o que eu disse quando a administração anunciou essa decisão brilhante.”

Ele sorriu, e deu uma mordida no sanduíche.

Ela se sentou ao lado dele no sofá, e começou a comer seu sanduíche. Ele fez o mesmo, quando eles estavam quase terminando ele disse :

“Eu sinto muito, pela maneira que eu agi mais cedo na sua sala. Eu sei que eu posso ser um tanto passional às vezes quando eu estou preocupado.”

“Isso é um eufemismo interessante para como você agiu.”

“Eu acho que sim. É apenas eu sou novo nisso, eu estou com ele há apenas alguns meses e às vezes sente como se eu não soubesse o que eu estou fazendo. E se parecer como se eu não cuidasse dele, pode ser que a família do pai dele vá querer tirar ele de mim. E ele é tudo que eu tenho.”

Ela pausou medindo suas palavras, se lembrando do que gostaria de ter ouvido quando era ela no lugar dele.

“Eu entendo, mas eu não acho que você precise se preocupar. Tudo que eu vi indica que ele é um menino muito feliz e saudável que tem muita sorte de ter você. Você está se saindo bem.”

“Eu espero que sim.” ele disse olhando para a cama na frente como se ele não tivesse certeza se ele acreditava no que ela tinha dito.

“Eu tenho que ir, meu intervalo já deve estar acabando. Aqui, esse aqui é para o seu sobrinho dê para ele quando ele acordar.” ela disse colocando o terceiro sanduíche nas mãos de Tiago.

“Você é muito gentil. Obrigado.”

Ela se surpreendeu um pouco, ela já tinha ouvido um número razoável de elogios dentro daquele prédio de outros médicos e pacientes: competente, inteligente, ambiciosa. Mas não gentil, não por qualquer um que não fosse da família dela. E os outros eram bons elogios, mas aquele sentiu melhor.

“De nada. Adeus.”

“Adeus.” ele disse e deu para ela um sorriso tímido antes dela partir.

Beatriz o deixou na sala de observação. Mas o sorriso dele permaneceu na sua cabeça pelo resto do seu plantão.

Verdade ou Consequência

O primeiro ato da nova capitã do time de basquete feminino da escola foi convidar todas as garotas da equipe para uma festa do pijama na sua casa. Como foi de última hora nem todas puderam ir, mas uma das que compareceu foi Daniela.

Aquela foi a primeira vez que Daniela foi na casa de capitã, isso fazia sentido, afinal a única coisa que realmente as conectava era o time de basquete.

Daniela tinha certeza que se não fosse pelo time de basquete, nunca teria trocado mais de duas palavras com ela ou com a maioria das garotas com quem jogava. O seu relacionamento com o resto do time era mais um de camaradagem do que amizade realmente. E ainda assim, era o mais próximo disso que ela tinha naquele momento, tendo se mudado para aquela cidade apenas no ano anterior.

Outra das jogadoras que foi para a festa do pijama naquela noite foi Sara. E Daniela gostaria bastante que esse não tivesse sido o caso.

Nos últimos meses desde que ela tinha entrado pro time, Daniela tinha se tornado hiper ciente de Sara de uma maneira que ela não era com nenhuma das outras jogadoras. E ela não entendia o porquê, de todas as garotas do time Sara era provavelmente a

que ela menos tinha em comum. E ela não conseguia evitar rolar os olhos toda vez que a outra garota insistia que eles rezassem antes de uma partida ou antes de comerem algo na cantina. Daniela já tinha conhecido muitas outras garotas que eram assim e em geral essas foram algumas das garotas mais chatas com quem ela tinha lidado. E não havia nenhum motivo para acreditar que Sara seria diferente.

E ainda assim toda vez que elas estavam no mesmo cômodo Daniela se encontrava a seguindo com seus olhos, e prestando atenção em tudo que ela dizia.

Tinha começado a acontecer mesmo quando elas estavam jogando na quadra, no último jogo ela tinha perdido a bola para uma garota do time adversário por ter se distraído olhando para Sara e ela não conseguia evitar sentir um certo ressentimento por isso, mesmo sabendo que Sara não tinha feito nada de errado.

.

.

.

A festa do pijama começa com o time todo assistindo um filme, mas quando o filme acaba a capitã do time traz uma garrafa de vinho.

Ela serve os copos onde mais cedo elas haviam bebido suco, mas na hora que ela ia colocar vinho no copo de Sara ela diz :

"Não obrigada. Vocês podem beber, mas eu acho melhor não."

"Você não bebe todo domingo na missa?" Daniela pergunta.

"É diferente, é parte do sacramento. Não é sobre ficar bêbada."

"Tanto faz." Daniela diz e para de olhar para ela.

Após o vinho acabar todas as meninas se sentam em um círculo no chão e usam a garrafa para brincar de Verdade ou Consequência.

Quando Natália roda a garrafa esta acaba parando em Daniela.

"Então, verdade ou consequência?" Natália pergunta.

"Consequência." Daniela diz.

"Certo, eu te desafio a tirar a sua camisa e ir até o quarto dos pais da Bruna e voltar."

Daniela pode ver que Natália está esperando que ela proteste ou peça para trocar para Verdade. Ela decide não lhe dar a satisfação e tira a camisa. E quando ela faz Sara desvia o olhar parecendo um pouco embaraçada como se ela nunca tivesse visto uma menina de sutiã antes, e por algum motivo isso realmente irrita Daniela.

Daniela faz o desafio enquanto o resto das meninas observam do fim do corredor rindo. Todas as meninas exceto Sara.

Ela volta, coloca sua camisa de volta e o grupo novamente se senta no chão, e agora é a vez de Daniela girar a garrafa. E exatamente como ela tinha torcido para que acontecesse a garrafa para em Sara.

"Certo Sara, verdade ou consequência?"

"Verdade."

“Quando você se masturba no que você pensa?”

Sara arregala seus olhos e suas bochechas ficam vermelhas. Enquanto as outras garotas riem.

“Eu não gosto desse tipo de pergunta!”

“Então você não devia ter escolhido verdade.” Daniela diz e ri.

“Posso mudar para consequência?”

“Okay...vamos pensar em alguma consequência legal para você. Ah eu já sei, me beije.”

Ela estava esperando que Sara protestasse e quisesse trocar de novo, ou se fizesse de desentendida e lhe beijasse na bochecha ou algo assim.

Ao invés disso ela se inclina para frente e a beija rapidamente e suavemente nos lábios. E ela fecha seus olhos enquanto ela faz isso.

“Certo minha vez.” Sara diz e gira a garrafa sem olhá-la nos olhos.

E ela continua não olhando para Daniela pelo resto da noite.

.

.

.

Daniela não consegue dormir direito, metade de seus pensamentos sendo ocupados por culpa. Ela sabe que às vezes ela age como uma babaca, como a maioria das garotas da sua idade fazem de tempos em tempos, mas ela não consegue deixar de pensar que ela foi um pouco longe demais dessa vez. A outra metade dos seus pensamentos é ocupada por finalmente saber porque diabos ela sempre está prestando atenção em Sara, ela soube do momento em que os lábios dela tocaram os dela.

Pouco antes de amanhecer ela ouve uma das garotas se levantando. Ela abre seus olhos e vê Sara indo na direção da cozinha.

Ela se levanta e vai atrás dela.

Por um momento ela apenas observa Sara pegando um copo de água e começando a beber. Um ato extremamente comum e rotineiro, mas que agarra a sua atenção pelo simples fato da pessoa que o está fazendo.

Sara parece um pouco surpresa ao vê-la na porta da cozinha, mas aí então diz :

"Bom dia. Você veio beber água também?"

"Oi. Não. Eu vim me desculpar, eu agi como uma babaca com você ontem a noite e você não mereceu.

E eu não teria te desafiado a me beijar se eu achasse que você faria.”

"Claro, porque a certinha da Sara nunca beijaria ninguém, certo?”

“Não, eu apenas pensei que você nunca beijaria outra garota.”

“Bem você achou errado, eu sei que vocês pensam em mim como apenas aquela garota religiosa, e eu entendo o porquê, a minha fé é uma parte importante da minha vida, mas isso não é tudo que eu sou sabe?”

“Eu sei agora. Você é mais corajosa do que eu achei que você fosse.”

“Obrigada...foi o meu primeiro sabe?"

"Beijo com uma garota? Sim, eu imaginei que este fosse o caso."

"Não apenas com uma garota."

"Merda. Então eu fui o seu primeiro beijo?”

“Sim.”

“Eu sinto muito."

"Você não precisa se desculpar, não foi ruim. Ou foi?"

"Não se preocupe, não foi ruim."

Sara parece um pouco embaraçada, mas ela também sorri enquanto Daniela olha para ela.

E ela quer continuar olhando.

O Favorito

O Príncipe mais velho de Tróia resolveu permanecer em uma das barracas perto dos portões ao invés de retornar para o castelo. Havia rumores que os gregos já estavam planejando um contra-ataque na manhã seguinte, também de alguma maneira sentia errado ir ao encontro de Andromache em noites como aquela, apesar de querer o conforto de sua presença.

Quantas vidas tinham sido terminadas naquele dia por causa dele? *Dez? Vinte? Mais?* Hector achava que ele devia saber, que mesmo em guerra havia desonra em matar um homem sem saber seu nome ou lembrar de seu rosto.

Ele se perguntava se Paris alguma vez hesitava em ir ao encontro de Helena em dias brutais como aquele, em que suas mãos sentiam ensanguentadas demais para tocar algo com suavidade, conhecendo seu irmão ele sabia que provavelmente esse não era o caso.

Após tirar sua armadura e checar os danos que as batalhas do dia haviam causado em seu corpo, ele fechou seus olhos e fez uma oração pelos seus compatriotas que tinham morrido naquele dia, e

também pelos gregos que tinham feito o mesmo, já que em morte todos se tornavam iguais.

Ele desejou para eles um bom pós vida nos domínios de Hades, digno daqueles que tinham morrido lutando por algo em que acreditavam. E como sempre ele também rezou por paz, pelo fim daquele conflito que já se arrastava há tempo demais, pela segurança de sua cidade e sua família. E antes que suas palavras tivessem terminado, Hector pôde sentir a presença do deus para quem ele estava rezando ao seu lado.

Hector abriu seus olhos e encontrou os olhos dourados de Apolo olhando para ele.

Desde que a guerra começou ele sempre podia sentir a presença do deus ao seu lado em batalha, lhe trazendo força e o protegendo dos piores ataques dos gregos, com Hector muitas vezes se perguntando : *Quantas vezes eu teria morrido se não fosse por ele?*

No entanto, visitas fora do campo de batalha eram mais raras.

“Tantas preces e nenhuma delas para você mesmo?”

“Na verdade, todas as minhas preces são egoístas, pela minha consciência culpada, por estar tão cansado de lutar nessa guerra.”

“Se você diz. Mas agora me deixe te curar.” Apolo diz e toca o rosto do príncipe.

No templo, quando falando do deus da luz e cura os sacerdotes sempre mencionavam seus cabelos e olhos dourados, mas eles nunca falavam que até sua pele parecia luminosa, e como ele sempre sentia quente ao toque não importando o quão fria a noite estivesse. E o deus lhe deu toques gentis em cada ferimento e hematoma, refazendo a pele e retirando os traços de dor. A maioria dos seus homens tinham cicatrizes novas desde que a guerra tinha começado, mas por causa da interferência de Apolo a pele de Hector permanecia sem marcas como se ele sozinho entre os homens de Tróia permanecesse inalterado pela guerra.

“Há outros que podem precisar das suas bênçãos mais do que eu.”

“É uma coisa perigosa recusar um presente de um deus.”

“Eu não estou recusando, eu apenas às vezes me pergunto...porque meu deus me abençoa dessa maneira?"

"Porque eu não o faria?" ele disse como se explicasse tudo.

Mas não explicava, Hector sabia que a atenção lhe dada pelo deus era única, e que nas histórias aqueles que eram favorecidos pelos deuses muitas vezes eram aqueles que geralmente encontravam os piores destinos, e ainda assim ele não podia ressentir ou desejar que fosse diferente, pelo prazer e conforto que a presença e toques de Apolo o traziam.

“Agora se deite na cama e feche os seus olhos.” Apolo disse após terminar de curar seus ferimentos.

Hector fez o que o deus disse, e assim que fechou seus olhos ele pode sentir os lábios de Apolo beijando as pálpebras de seus olhos, o conduzindo para um sono aconchegante cheio de sonhos de um mundo mais gentil.

O Que Acontece em Vegas

Oliver acordou com uma ressaca monstruosa, uma aliança em seu dedo anular da mão esquerda, e uma jovem mulher que definitivamente não era sua noiva Joan em seus braços.

Por um segundo ele desejou que fosse apenas Jake aplicando uma pegadinha de despedida de solteiro nele, mas logo as memórias da noite anterior começaram a flutuar por sua mente. Dele e Jake no bar do hotel após terem passado a tarde jogando pôquer no cassino, desse grupo de universitários do sul entrando no bar logo após, de Jake começar a flertar com três ou quatro das moças do grupo e o arrastando com ele, dele começando a conversar com uma das garotas do grupo, a mais quieta, uma das poucas que Jake não tinha demonstrado o mínimo de interesse. De Jake conseguir se dar bem com uma das garotas do grupo e indo com ela para o andar de cima. Dele pensando que o melhor seria ir dormir, mas parecendo tão difícil fazer isso porque falar com a garota a sua frente estava sendo tão agradável. De ficar no bar por horas após Jake ter ido embora, rindo e bebendo, e a beijando.

Era chocante como tinha sido fácil, primeiros beijos sempre haviam sido algo com o qual ele tivera receio no passado, com Joan ele tinha demorado

mais de três encontros para ele ter tido a coragem de dar a ela um leve beijo nos lábios enquanto eles caminhavam para casa após um jantar em um restaurante. Mas com Willow ele nem pensou em beijá-la, ele apenas a beijou, como se eles já tivessem feito isso milhares de vezes antes e certamente estavam destinados a fazer milhares de vezes mais. E os beijos evoluíram e eles acabaram indo para o quarto dele e transado. E após ele se ajoelhou e pediu para ela ser sua esposa, e Willow disse sim. Tinha uma capela 24 horas perto do hotel e lá eles se casaram cerca das duas da manhã.

Willow estava despertando enquanto ele entrava em pânico.

“Oi.” Oliver disse.

“Olá marido.” Willow disse e sorriu.

O sorriso desapareceu quando ela concluiu que Oliver não ia sorrir de volta para ela.

.

.

.

Ele ligou para sua mãe e três horas e meia depois ela chegou lá acompanhada de um dos seus amigos de infância que era um advogado. O processo de anulação era relativamente simples, o advogado até tinha conseguido um horário para ele e Willow fazerem o procedimento ainda naquele dia. Mas a conversa que seguiu não foi. Sua mãe o chamou de irresponsável e idiota que tinha quase arruinado o seu casamento por uma foda com uma garota que provavelmente era uma stripper ou uma prostituta, ela estava tão irritada que ela realmente havia usado esse linguajar, teria sido quase engraçado ver sua mãe a respeitável Senhora Louisa Byrne falando palavrões se ele não estivesse se sentindo tão miserável naquele momento, e também porque Willow ainda estava no quarto quando sua mãe disse isso. Willow obviamente estava embaraçada, mas ela teve coragem para se levantar e dizer :

“Eu não sou uma stripper ou uma prostituta. Eu apenas, eu apenas gostei dele, e ele gostou de mim também, pelo menos por uma noite, isso é tão ruim assim?”

Sua mãe olhou para ela friamente em silêncio por uns dez segundos e aí disse :

“Você é uma garota, uma mulher, que faz sexo com homens comprometidos, também um homem que

você mal conhecia, então ao meu ver isso não te torna tão melhor assim do que uma prostituta."

Willow saiu correndo do quarto chorando assim que Louisa acabou de falar e sem nem pensar Oliver correu atrás dela. Quando ele a alcançou ela disse entre lágrimas :

"Eu vou assinar a droga da anulação, eu apenas não tava conseguindo respirar naquele quarto, eu vou voltar quando eu me acalmar um pouco."

"Eu sinto muito, muito mesmo. Não é por sua causa sabe, não só por sua causa pelo menos, meu pai teve alguns casos quando ele ainda estava vivo, até outro filho com uma mulher que não é minha mãe, então ela fica um pouco sensível com relação a esse tipo de coisa."

"Pode falar pra ela que eu tomo pílula anticoncepcional então vocês não precisam se preocupar com bastardinhos aparecendo em nove meses."

"Nós nos casamos, eles não seriam bastardos."

Ela sorriu de leve e Oliver quis beijá-la de novo, ele não o fez, mas ele a abraçou e a segurou até que ela parasse de chorar completamente.

.

.

.

Era bem fácil se casar em Las Vegas, assim como era bem fácil conseguir uma anulação de casamento. Ele e Willow só precisaram assinar três papéis e pronto.

“Eu sinto muito.” Oliver disse na hora de se despedir.

“Não precisa sentir.” Willow disse.

Oliver sabia que ela estava mentindo. Ele se sentiu tentado a beijá-la de novo, pelo menos uma última vez, mas sua mãe estava no final do corredor olhando para ele irritada então ele apenas colocou sua mão de leve no ombro dela e em dois segundos a tirou. Ela deu um sorriso meio triste e disse :

“Acho que isso é um adeus meu marido.”

“Sim é, minha esposa.”

“Adeus Oliver.”

“Adeus Willow.”

Mariposas

Você não queria uma festa de despedida.

E você quase disse isso para seus pais, e se você tivesse dito sua mãe provavelmente teria cancelado o evento. Mas você não disse porque você sabia que era algo mais para seus pais do que para você.

Nem sua mãe nem seu pai foram para uma universidade, então você ter entrado para uma, e uma que era considerada uma das melhores do país realmente importava para eles. E não era o suficiente você ter entrado, era necessário que toda a vizinhança soubesse.

E você pode deixar eles terem isso, você pode ser um bom filho por mais uma noite.

Na noite da festa pessoas que você mal conhece vêm para te parabenizar e dar dicas sobre a vida universitária. Alguma pessoa aleatória te chama de *O orgulho do bairro* e logo todos estão dizendo. Francamente o negócio todo é meio embaraçoso.

Você não tem certeza quando foi que Eric chegou, só que ele estava lá no canto da sala falando com os seus outros amigos.

Você sempre foi respeitado e admirado tanto por seus colegas de escola quanto pelos pais e professores. Mas as pessoas gostavam de Eric mais, ele era do tipo que naturalmente atraía pessoas à sua volta, e ele fazia as pessoas se sentirem bem quando elas estavam com ele. Essa característica dele sempre fazia você pensar em mariposas à noite sendo atraídas por algum ponto de luz qualquer no meio da escuridão. E você não é melhor do que eles, neste contexto você é apenas outra mariposa.

O olhar dele encontra o seu e imediatamente ele sorri. E como tantas vezes antes esse gesto faz seu coração disparar e você se força a lembrar que não têm nada de especial nisso, afinal Eric é do tipo que sorri para todo mundo.

Você desvia o olhar e volta a falar com a dona da mercearia a respeito do sobrinho dela que foi para a mesma faculdade alguns anos atrás.

.

.

.

Uma hora passa e você diz que vai ao banheiro, mas ao invés disso saí pra fora da casa. E quando você está longe o suficiente você acende um cigarro.

Ninguém sabe que você fuma exceto por Eric, uma vez alguns meses antes em um dia que ele foi para a sua casa jogar videogames ele disse que se culpava por ter sido uma má influência pra você nesse aspecto, afinal você começou a fumar apenas um mês após ele próprio fazer isso. E de certas maneiras ele estava certo, mas não exatamente do jeito que ele achava, não foi porque ele era mais velho e porque você queria ser como ele, você nunca quis ser como ele, você só queria saber como era o gosto da boca dele, e você tinha certeza que aquilo era o mais próximo que você ia chegar.

Você já tinha decidido há bastante tempo que você nunca ia fazer nada a respeito das coisas que você sentia por ele. Um pouco porque você não queria perdê-lo antes do tempo, na maior parte dos dias o seu tempo juntos era a única parte do dia que você realmente gostava. E se ele reagisse de uma maneira ruim seria péssimo.

E se ele reagisse bem, não importaria. As pessoas dizem que o mundo está mudando sobre essas coisas, e talvez esteja. Mas não rápido o suficiente para você poder ter isso junto com todas as outras coisas que você quer do mundo. Que você merece.

“Você fugiu da sua própria festa?” a voz dele diz te puxando dos seus pensamentos.

Você não notou Eric se aproximando, havia vezes que ele podia ser estranhamente discreto e silencioso.

“Eu só queria tomar um pouco de ar. Ficar sozinho por um momento.”

“Oh. Certo. Você quer que eu vá? Tudo bem se a resposta for sim.”

“Não, se é só você eu não me importo eu só não quero ficar em um cômodo cheio de gente.”

“Bom! Porque eu estava pensando em celebração te comprar a sua primeira cerveja! Eu sei que tecnicamente você não pode ainda, mas é uma ocasião especial.”

Você na verdade já bebeu cerveja em outras ocasiões, e você não gostou muito do sabor, mas você decide não contar isso pra ele.

“Eu gostaria disso.”

.

.

.

Você achou que ele só ia comprar duas latinhas, mas ao invés disso ele compra uma embalagem com seis ao total. E vocês vão para o parquinho onde vocês costumavam brincar quando vocês eram meninos e se sentam em um dos bancos em frente aos brinquedos.

Você sempre achou o parquinho da sua vizinhança meio vagabundo em comparação aos parquinhos que você via crianças brincando na televisão. Mas naquela noite o lugar parecia diferente. Parecia como algo que você sentiria falta um dia.

Você está na metade da sua primeira cerveja com ele quando ele pergunta :

“No que o orgulho do bairro está pensando?”

“Que eu não sei porque as pessoas continuam me chamando assim."

"Porque eles estão orgulhosos de você. Dã. Pelo menos eu estou."

"Obrigado."

"E também eu estou um pouco convencido porque eu sempre soube que ia ser assim."

"Até parece."

"Você está duvidando de mim?"

"Sim."

"Eu posso provar. Se lembra como quando nós brincávamos em times eu sempre te escolhia primeiro?"

É claro que você se lembrava, e você sempre teve um pouco de curiosidade sobre isso. Havia meninos que eram mais fortes e mais velozes. Às vezes você temia que fosse por pena, porque ele podia ver o quanto você queria que ele te escolhesse.

"Sim eu lembro."

"Bem eu fazia isso porque até mesmo naquela época eu sabia que você era o melhor de todos nós, aquele que ia bolar as melhores estratégias. E eu estava certo."

Mais tarde você vai convencer a si mesmo que você só beijou ele porque era o seu último dia no bairro e logo nada disso ia importar. Só para saber uma vez como sentia, antes de deixar tudo para trás.

Mas enquanto você tem a boca dele na sua, você sabe que é simplesmente porque você o quer mais do que qualquer das coisas brilhantes que te esperam.

Você está tão perdido no seu desejo por esse garoto que demora um momento para você perceber que ele não está apenas te deixando beijar ele. Ele está te beijando de volta.

Você sorri contra a boca dele. E você deseja ter feito isso antes, e você deseja poder fazer isso para sempre. E você quer ele tanto que você não entende como você resistiu fazer isso por tanto tempo. Você pensa em levá-lo para longe com você. Você pensa em ficar por ele.

Você para o beijo tão abruptamente quanto você começou.

Você se levanta do banco e olha pra ele de cima.

Eric parece confuso e seu rosto está meio vermelho.

Você dá dois passos para trás, porque você não confia em você mesmo para estar mais perto dele sem se jogar agora que você sabe que você pode.

"Isso foi um erro. Eu estou bêbado. Esqueça o que aconteceu."

Ele ainda parece confuso, mas agora ele também parece triste.

"Okay."

"Você pode ficar com o resto das cervejas, eu preciso voltar pra minha festa."

"Okay." Ele repete, e você não tem certeza se ele realmente te ouviu.

Você anda para longe e você diz para si mesmo para não olhar para trás. Mas antes de ir embora você desobedece esse comando e vê que ele ainda está parado no mesmo lugar onde você o deixou.

.

.

.

Você não dorme naquela noite, e as horas parecem passar ao mesmo tempo rápido demais e devagar demais.

A manhã chega e com esta a hora de ir embora.

Seu pai e sua mãe estão terminando de colocar suas malas no carro quando Eric aparece montado na sua bicicleta. Ele está usando as mesmas roupas da noite passada e ele parece cansado. Você tem quase certeza que você não foi o único que não dormiu.

Parece que ele vai falar com você, mas ao invés disso ele se dirige ao seu pai.

"Bom dia. Vocês precisam de ajuda com as malas?"

"Não, já estamos quase acabando. Mas obrigado por oferecer." Seu pai diz.

Por algum motivo ele parece meio decepcionado com isso.

"Oi." Você diz.

"Oi...então seu pai vai te levar até a rodoviária?"

"Sim."

"Entendi."

Ele te olha por um segundo como se ele quisesse dizer algo mais. E por um momento você se permite ter um pouco de esperança, embora pelo que você não têm certeza.

Mas o momento passa e ele apenas sorri e diz :

"Eu só passei aqui pra te desejar boa sorte."

"Obrigado."

Por um momento parece como se ele fosse te abraçar, mas ao invés disso ele apenas de dá um tapinha nos ombros.

"Hora de ir." Sua mãe diz, já entrando no carro.

Você faz o mesmo.

E Eric ainda está lá olhando para você.

Toda a sua vida você ouviu que você era especial, que você era mais inteligente, que isso significava que você tinha direito a uma vida melhor daqueles que o cercavam, que você merecia mais do que Eric merecia. E agora essa vida vai começar. E ele vai ser apenas outra coisa sem importância que você vai deixar para trás nesse bairro.

"Tchau." Ele diz.

"Tchau." Você diz.

Ele sorri para você, mas dessa vez não do jeito que ele sorri para todo mundo. Dessa vez o sorriso dele parece triste.

Você olha pra frente e o carro começa a se mover.

Você se pergunta se ele ainda está na beirada da rua vendo você ir embora. Mas, dessa vez você não olha pra trás.

A Maçã Dourada

Bela como Afrodite.

Esse era um dos elogios que Helena mais tinha ouvido durante sua vida. E na primeira vez que Helena viu Afrodite em pessoa ela se perguntou se era daquela maneira que os outros sentiam ao vê-la e pela primeira vez todo caos que a cercava desde a infância pela sua beleza finalmente fez um pouco de sentido.

A deusa vinha visitá-la quando Paris estava no campo de batalha.

Às vezes Helena sentia vontade de dizer para Afrodite ir embora, para morrer e deixá-la sozinha para sempre. E algumas vezes ela disse, algumas vezes as palavras conseguiam fazer com que Afrodite se sentisse culpada, mas na maioria das vezes ela apenas ria. E ela sempre voltava.

Mas geralmente Helena apreciava as visitas, sua vida era uma de solidão no palácio. Havia mulheres no palácio durante as batalhas, mas nenhuma delas vinha a Helena para amizade ou conforto. Não era apenas inveja ou insegurança causada pela sua beleza como na sua juventude, era ódio. Era por causa dela que os soldados cercavam Tróia, e por

ela que a população sofria e os homens morriam todo dia.

Então Helena apreciava a companhia da deusa, as conversas, os leve toque de seus dedos divinos contra seus cabelos e os lábios fortes no seu pescoço, os toques que nenhuma outra mulher, seja em Tróia ou Esparta, tinha lhe dado.

O sexo era melhor do que com Paris. Ele ainda a desejava e eram raros os dias em que ele não solicitasse a sua presença na sua cama. Mas ainda assim, dez anos de luta é muito tempo, para olhar para as consequências das suas ações, pela mulher por quem ele começara tudo, e para começar a odiá-la. Ela se perguntava se com ela era melhor pelo fato da deusa não a desprezar, se era por ser com uma mulher, ou por ser com uma deusa, ou simplesmente por ser com Afrodite.

Geralmente nos dias que elas faziam aquilo Afrodite ia embora logo após chegar ao clímax, mas dessa vez ela vez ficou dando leves beijos nos ombros de Helena, geralmente isso fazia Helena sorrir e suspirar, mas dessa vez ela se manteve parada.

“Sabe muitos homens cortariam seus braços para estar no seu lugar. Ou no meu lugar. Bem provavelmente o que eles gostariam mesmo seria

estar entre nós, você consegue imaginar a satisfação do sujeito de estar entre duas deusas?" Afrodite disse sorrindo.

Helena não sorriu de volta.

"Eu não sou uma deusa. Ser a filha de deus não é o mesmo que ser uma deusa."

"Obviamente, mas você fala em algum aspecto específico ?"

"Você é livre."

"Querida, ninguém é livre nesse mundo exceto por Zeus."

"Você ainda é mais livre do que eu...Em Esparta, se eu tivesse gritado, se eu tivesse protestado mais, se eu tivesse chorado, você teria se sentido compelida a quebrar a sua promessa a Paris?"

"Eu não sei. Provavelmente não. Mas se eu soubesse tudo que ia resultar disso eu provavelmente teria feito muitas coisas diferentes. Mas o que aconteceu já aconteceu e pensar sobre o que poderia ter sido é inútil. Tudo que você pode fazer é tentar lidar com as consequências das coisas que você fez."

“Ou das coisas que foram feitas com você.”

“Eu suponho que sim.” Afrodite disse e deu um beijo na testa de Helena e com este fez ela adormecer.

Quando Helena acordou na manhã seguinte Paris ainda não tinha retornado e Afrodite já tinha partido e na mesa ao lado da cama havia uma maçã dourada. E ela sabe que é a real, a que começou toda aquela confusão.

Talvez a deusa tenha esquecido o objeto ali, talvez seja uma brincadeira cruel de Afrodite. Talvez fosse um prêmio. Talvez fosse uma lição.

Provavelmente apenas um consolo, apenas algo que Afrodite sentiu que Helena merecia ter.

A maçã era fria e pesada, única realmente, mas no fim não valia a pena o trabalho que ela causara. Como aquela guerra. Como sua beleza. Como tudo em sua vida.

A Garota no Bar

Igor não costumava dizer para os clientes que eles tinham que ir embora, primeiro era ruim para os negócios, o seu bar não era popular ao ponto de estar na posição de recusar clientes, segundo, ele não se importava de ficar uns cinco ou dez minutos a mais além do seu turno já que ele morava no segundo andar (Tecnicamente a parte de cima do bar era para ser um escritório, mas Igor estava usando como apartamento já há alguns meses). Mas naquele dia ele se viu obrigado a falar já que a mulher ruiva na última cabine estava abusando. Ele esperou que ela se tocasse quando ele começou a varrer o chão e lavar a louça, mas nenhum sinal da mulher se mover, como se ela fosse dona do lugar.

Ele finalmente marchou para a mesa dela e disse:

"Senhora nós temos que fechar, já passam das quatro da manhã."

"Vocês ficam abertos até clarear alguns dias."

"Sim, nos sábados quando o bar está cheio, não nas quintas quando só tem uma pessoa, que está bebendo o mesmo copo de whisky há mais de três horas."

"Você não precisa ser um babaca, eu vou me retirar do seu adorável estabelecimento." ela disse pegando sua bolsa e se levantando.

"Eu não estou sendo um babaca, eu fiquei aqui mais uma hora esperando a senhora terminar o seu drink, o que obviamente não vai acontecer sem um pouco de encorajamento."

"Você poderia ter me dito que o seu turno tinha acabado há uma hora atrás ao invés de ficar guardando ressentimento esse tempo todo. As pessoas não conseguem ler a sua mente."

Ela disse e foi andando em direção a porta.

"Você não pagou sua conta!"

Ela voltou com seus passos pesados fazendo um barulho enorme, pegou um monte de moedas e tacou no balcão.

Quando Igor subiu ele pode ver por entre as persianas da janela a mulher ruiva sentada no banco do ponto de ônibus. Um ônibus passou quase imediatamente, mas ela não entrou.

Depois de alguns minutos mais um passou e ela também não entrou.

Nem no que veio depois.

.

.

.

“O que você quer? Você vai me dizer que eu não tenho direito de sentar na frente do seu precioso bar?” ela disse ao ver o bartender indo na sua direção.

“Você não tem onde dormir.” Igor disse, não era uma pergunta.

Ela olhou pra ele com raiva, mas não disse nada. Então Igor continuou :

“Você pode dormir no bar se você quiser.”

“Eu não preciso da sua caridade.”

Esse realmente não parecia ser o caso, mas ele resolveu não insistir.

“Eu preciso de uma garçonete, sextas são dias movimentados e eu e os meus funcionários não temos dado muita conta, se você trabalhar eu te deixo dormir no bar.”

Ela olhou para ele como se estivesse o avaliando.

“Eu não vou transar com você okay?”

“Não foi por isso que eu oferec-“

“A não ser que eu queira, algum dia.”

“Eu realmente apenas preciso de uma garçonete.” ele disse sentindo suas bochechas esquentando.

“Você está vermelho.”

“Você quer o trabalho ou não ?”

“Sim, eu quero. Então qual é o seu nome ?”

“Igor. O seu?”

“Luísa. Obrigada Igor.” ela disse e entrou no bar como se fosse o lugar dela já.

Nunca Antes e Nunca de Novo

A lua crescente podia ser vista no céu quando Zara se aproximava Palácio, ela tentou ignorar esse fato, a profecia que ela tinha feito dizia que aconteceria num dia em que a lua estivesse naquela fase, mas muitas luas crescentes tinham acontecido desde então, talvez esta seria apenas outra. Ela precisava acreditar que era apenas outra;

Ela encontrou Lorinc, um dos guardas que secretamente era parte da rebelião na entrada dos criados e foi por ele guiada até as masmorras embaixo da construção.

Ela tinha mandado uma mensagem pedindo para ele a encontrar lá, mas ainda assim havia uma dúvida que ele fosse aparecer, ela não o culparia se ele não aparecesse. Afinal o medo do que aconteceria se ele fosse descoberto era perfeitamente racional, um homem que condenaria a própria filha a morte não hesitaria em matar um simples guarda se ele sequer suspeitasse de traição.

Todos tinham esperado que a sentença de Dama Aliz, a filha bastarda do Rei, fosse ser presa na Torre, a mesma que Princesa Irina tinha recebido quando poucos meses antes ela foi capturada pelos

soldados imperiais, enquanto tentava ganhar apoio à rebelião de um dos ducados do sul.

Todos exceto por Zara.

Quando eles chegaram nas masmorras Zara cobriu a cabeça com o capucho de sua capa e começou a andar mais arrastado.

“Essa mulher estava causando confusão na taverna, eu vou colocar ela em uma das celas e liberar ela de manhã quando ela ficar sóbria.” Lorinc disse para o guarda na entrada e andou com ela até a penúltima cela, a cela ao lado da de Aliz, e a jogou lá bruscamente do jeito que eles haviam combinado.

Por debaixo de seu capuz, ela viu Aliz sentada no chão, seus pés descalços e acorrentados e claramente machucados.

Quando Lorinc foi para longe, Aliz se levantou e foi na direção das barras que separavam as duas celas, os grilhões fazendo um som pesado conforme ela se movia.

Apenas quando Lonric estava longe demais para seus passos serem ouvidos, Zara tirou o capuz que cobria sua cabeça.

Ela foi recebida com um sorriso e um beijo entre as barras das duas celas.

“Eu estava torcendo para que fosse você.” Aliz sussurrou contra seu ouvido.

“Eu vim aqui para te dizer para não se preocupar, nós temos um plano. Nós vamos causar múltiplos incêndios ao redor da praça na hora da execução, e nós vamos usar a confusão para te tirar de lá.” Zara sussurrou de volta.

O sorriso de Aliz desapareceu.

“Esse plano causaria muita destruição, pessoas vão se ferir, possivelmente até morrer. Pessoas que não se comprometeram a essa luta.”

“Isso foi discutido e todos nós decidimos que isso é um risco aceitável. A rebelião precisa de você.”

“Isso não é verdade. E você sabe disso mais do que qualquer um.”

“Do que você está falando?” Zara disse, sua mente lhe oferecendo apenas uma explicação, mas era impossível. Ela tinha queimado o papel logo após

lê-lo e não tinha dividido nenhum dos detalhes daquela profecia com ninguém apesar de ter pensado nesta todos os dias nos últimos dois anos.

Aquele dia, dois anos antes, tinha sido pouco após uma das maiores vitórias da rebelião, quando ela e outros tomaram o Forte Tervik onde a maioria dos inimigos do Rei estavam presos, incluindo Duque Osvald que os ajudou a conquistar o apoio dos outros ducados nortenhos. A noite da festa de celebração foi a primeira vez que ela levou Aliz para sua cama, e esperou acordar em seus braços. Ao invés disso ela acordou com sua cabeça deitada contra a madeira da mesa do quarto, e também na mesa estava um papel com palavras escritas em tinta. Já tinha acontecido vezes o suficiente para ela conseguir identificar imediatamente que mais uma vez os deuses tinham lhe enviado uma profecia.

Ela leu as palavras e era profecia que ela esperava receber desde o dia em que os soldados do Rei tinham queimado sua vila por terem ouvido que um dos muitos inimigos do Rei estava escondido lá. Era a profecia que contava da queda do tirano. Se tivessem lhe dito um dia antes que ela choraria ao ler aquelas palavras ela teria achado que estas seriam lágrimas de alegria. Esse não foi o caso.

“Minha irmã vai ser uma boa Rainha, por favor a ajude se você puder.” Aliz disse a puxando de suas memórias e de volta para o presente, para aquela cela.

Zara respirou fundo e disse :

“Sim, ela será. E você estará ao lado dela, a aconselhando.”

“Não. Amor, eu já te disse que eu sei.”

“Eu não sei do que você está falando.”

“O tempo para segredos acabou Zara.”

Zara hesitou e aí disse :

“Desde quando?”

Aliz acariciou seu rosto com a ponta dos dedos.

“Você esqueceu que eu estava no quarto com você quando a profecia veio?”

Quando Zara não disse nada, apenas continuou olhando para ela espantada Aliz continuou :

“Você se levantou da cama e eu fui te chamar para voltar para mim, que ainda estava escuro lá fora, mas aí eu vi seus olhos, eles estavam completamente brancos. Eu vi você pegar papel, um tinteiro e uma pena. Eu vi sua mão se mover pelo papel, eu vi as palavras enquanto elas estavam sendo escritas. E na manhã seguinte eu vi você acordar e ler o que tinha sido escrito, eu vi você jogar o papel no fogo, eu vi as lágrimas nos seus olhos. Naquele dia todo eu esperei que você me contasse, e você não me contou. Demorou meses até eu perceber que você não ia fazer isso.”

“Eu não contei pra ninguém.”

“Eu esperava que talvez você tivesse, deve ter sido horrível carregar o peso desse segredo sozinha.”

“Bem, a profecia não muda nada.”

“Não muda nada? Dizia que depois da minha morte o Rei vai cair. Uma vida pelo fim de décadas tirania é um preço pequeno a se pagar. O que é a vida de uma pessoa quando comparada ao destino de uma nação ? Eu estou preparada para morrer.”

“Profecias estão erradas as vezes.”

“Não as suas.”

“Mas elas podem ser mal interpretadas.”

“Dizia que o sacrifício daquela a quem seu coração pertence vai fazer com que os olhos do mundo se abram e que as armas se voltem ao Rei, e que quando a lua estiver cheia o coração do pai vai parar como o da filha que ele mandou para morrer fez enquanto a lua estava crescendo. Essa sou eu, você mesma me disse que nunca antes você sentiu por outra pessoa do jeito que você se sente por mim.”

“E nunca de novo eu vou sentir.”

Aliz sorriu suavemente, limpando com o dedo uma das lágrimas que tinha começado a cair dos olhos de Zara.

“Eu sou muito egoísta, uma parte minha quer que isso seja verdade. Não me entenda mal, eu quero que você seja feliz, mas eu odeio pensar em você tendo outra amante.”

“Então seja egoísta um pouco mais e me deixe te salvar. Nós podemos tentar algo diferente.”

“Eu fui egoísta por dois anos, por dois anos eu tentei não ser capturada. E após ser capturada eu tentei fugir, mas quando eu vi a lua crescente nas janelas do grande salão quando ele disse qual seria a minha sentença eu aceitei que era hora. O tempo chegou, nós estamos fortes, os duques do norte já não seguem mais as ordens dele, mas quem sabe quanto tempo isso vai durar e todos sabem que ele está preparando exércitos para começar uma guerra civil. Nós podemos parar isso. Matar um membro da sua família é considerado o pior crime que existe perante os olhos dos deuses e da população. Assim que ele fizer o apoio dos ducados que ainda o apoiam vai desaparecer. É a nossa melhor chance.”

Aliz foi puxar Zara para mais um beijo mas Zara se afastou.

“Então porque disse que você estava feliz de me ver se você acha que eu não possa te salvar, que eu não devia nem tentar?”

“Um pouco por isso, por essa conversa. Eu devia ter contado que eu sabia, mas eu não o fiz porque eu queria só coisas boas com você, a vida ficava tão miserável às vezes, você foi meu refúgio de tudo isso. Eu te disse, eu sou egoísta, eu não queria passar anos tendo essa discussão. E simplesmente

porque eu queria te ver de novo, eu sempre quero te ver, faz tudo um pouco mais fácil de suportar. Acredite ou não quando eu te beijei eu até esqueci o que estava vindo amanhã, então me beije de novo. Você foi meu refúgio por dois anos, você consegue fazer por mais uma noite."

Zara decidiu naquele momento que os deuses tinham escolhido a pessoa errada para ser sua profeta, ela não podia aceitar destino, ela não podia aceitar perda daquele tamanho.

"O que é a vida de uma pessoa quando comparada ao destino de uma nação?"

Esta não era uma pergunta não facilmente respondida quando a vida em questão pertencia a alguém que você amava.

Mas ela podia aceitar ser beijada de novo e de novo enquanto a lua crescente brilhava no céu.

Pontos

Geralmente nos seus intervalos Theo ia para o pátio do hospital, havia um pequeno jardim lá com algumas árvores e um banco onde ele podia descansar e comer ou checar as mensagens em seu celular. E era lá onde ele estava quando ele notou Daniel andando na direção dele, o que era estranho ele sabia que o intervalo deseu colega de trabalho só seria mais tarde.

Quando ele chegou, Daniel disse :

“Então, eu sinto muito interromper o seu intervalo, mas a Doutora Andrade pediu pra você ir ao pronto socorro.”

“Tudo bem. Você sabe por quê?"

“Sim. Aquele imbecil apareceu lá de novo claramente precisando ser tratado, mas ele está se recusando a deixar que nós olhemos os ferimentos dele se você não estiver lá.”

Theo o acompanhou tentando não sorrir na frente de Daniel. Ele tinha quase certeza que ele sabia a identidade do paciente que ele estava se referindo.

A primeira vez que ele havia conhecido Samuel havia sido pouco mais de um ano atrás após um acidente de moto, naquele dia Samuel estava

inconsciente quando ele chegou, também enquanto Theo auxiliava a médica e o outro enfermeiro de plantão naquele dia em lhe darem primeiros socorros. Mas quando Samuel abriu seus olhos Theo foi a primeira pessoa que ele viu e também a pessoa que lhe explicou o que estava acontecendo enquanto Doutora Andrade e Daniel estavam tratando seus ferimentos.

Estranhamente Theo foi o único dos três que recebeu um agradecimento quando Samuel deixou o hospital alguns dias depois. E aí ele continuou aparecendo esporadicamente, geralmente não era nada sério, apenas ferimentos de brigas aleatórias, dois outros tombos de moto, um ou outro resfriado. E toda vez ele pediu para ser tratado por ou pelo menos na presença de Theo.

Quando Theo chegou na emergência Samuel sorriu e se virou para Doutora Andrade que estava ao seu lado com os braços cruzados.

“Certo Doutora você pode me tratar agora.” Samuel disse.

Doutora Andrade rolou seus olhos e começou a examinar a ferida no braço de Samuel. E a ferida era significativa, o braço dele estava cheio de sangue seco. Geralmente ele não se importava

quando Samuel fazia isso, mas dessa vez ele claramente deveria ter sido tratado imediatamente.

Ele andou até eles.

“Oi.” Theo disse.

“Oi, sentiu a minha falta?”

Ele tinha sentido, havia uns dois meses desde a última vez que Samuel tinha aparecido lá. Mas ele não ia dizer isso pra ele, seria anti-profissional, mas ele achava que mesmo não dizendo Samuel sabia a resposta.

“Você devia ter deixado a Doutora Andrade checar os seus ferimentos assim que você chegou, não esperar por mim.”

“Qual seria a vantagem de vir aqui se eu não puder te ver?”

“Ter seus ferimentos tratados. Sabe o motivo porque você veio pra cá.”

“Claro seria útil. Mas não seria divertido sem você.”

“A vida nem sempre tem que ser divertida.”

“Essa parece uma péssima maneira de viver.”

Por um momento eles apenas continuaram olhando um para o outro, Samuel parecia estar prestes a dizer outra coisa, mas aí Doutora Andrade disse :

“Você tem sorte, você não vai precisar de cirurgia, o corte não atingiu tendões ou ligamentos.”

“Viu só Theo, tudo está bem.” Samuel disse.

“Theo por favor limpe o ferimento, dê a ele pontos e aí o libere.”

“Eu vou. Samuel venha comigo para uma sala privada.”

Eles saíram e ele podia sentir Daniel olhando para ele com desaprovação. Seu colega já tinha deixado muito claro que ele não gostava de Samuel, e não achava que Theo deveria encorajar a fixação que o homem parecia ter por ele. E Theo sabia que ele tinha um ponto. Mas quando ele estava lá a vida de repente parecia mais excitante e interessante. Mesmo se tudo que eles estivessem fazendo fosse conversar era divertido. E Theo não queria largar isso, pelo menos não se não fosse necessário, seria inapropriado ter um relacionamento com um paciente, havia linhas que ele provavelmente não deveria cruzar, mas flertar um pouco não parecia tão ruim.

Quando eles estavam sozinhos ele começou a limpar o ferimento, tinha sido profundo, a médica estava certa e dizer que Samuel tinha sorte por não ter sido algo mais grave.

“Como você acabou assim?” ele perguntou.

“Eu acho que tudo começou no dia que minha mãe me deixou, ou talvez no dia que meu pai a deixou, ou o dia trágico que eles esqueceram de comprar uma camisinha e estavam excitados demais para se importar sobre doenças e ou com gravidez não planejadas.” Samuel disse e riu.

Uma parte de Theo queria saber mais, mas ao invés disso ele disse :

“Eu quero saber especificamente como você acabou assim hoje, na sua ficha disse que o corte foi um acidente, mas eu não vejo como-”

“Pois é por acidente o que eu quis dizer é que um babaca em um bar me esfaqueou.”

“Então nós precisamos chamar a polícia! E se-”

“Não, nós não precisamos. Eu não sou um dedo duro e além do mais eu também arrebentei um pouco o cara que fez isso comigo, você vai trazer

muitos problemas para mim se você contar pra alguém. Por favor, Theo? Por mim?”

“Certo, eu não vou.”

Theo aplicou a anestesia local e começou a dar os pontos no braço de Samuel. “Como você acaba em tantas brigas?”

“Acredite ou não, nem todos se sentem tão encantados com a minha personalidade quanto você.”

“Quem diz que eu estou encantado?”

“O seu sorriso.”

“Talvez eu apenas sorria para todo mundo.”

“Sua piranha.”

Theo riu.

“Não diga coisas assim, eu preciso de concentração para fazer os seus pontos.”

“Sinto muito.”

“Você parou aqui vezes demais desse ano, você sempre se machucou tão frequentemente?”

“Depende do ano. Mas acho que da minha vida adulta esse último ano eu me machuquei mais que o normal.”

“Tem algum motivo pra isso?”

“Quem sabe, talvez eu esteja fazendo de propósito, afinal, que outra desculpa eu teria para poder vir aqui e ver o seu belo sorriso?”

Theo sentiu suas bochechas começarem a queimar. O sorriso de Samuel se tornou ainda maior.

“Isso seria idiota.”

“Você é tão mau, me chamando de idiota quando eu estou ferido.”

“Eu não estou te chamando de idiota, eu estou apenas dizendo que seria uma coisa idiota de fazer.”

“Tão mau... hipoteticamente eu acho que outro jeito de ver seria se eu te chamasse para um encontro, isso seria algo que te interessaria?”

“Bem, tem a questão ética de ser inapropriado me envolver com um paciente.”

“Oh não, questões éticas. Nós definitivamente não podemos ficar juntos se há questões éticas.”

“Hilário.”

“De qualquer maneiro você é enfermeiro não um médico, tecnicamente eu sou paciente da Doutora Andrade, não seu, certo?”

“Eu estou te tratando, você conta como meu paciente sim.”

“Tá, eu acho que conta. Teria alguma maneira que daria para você superar isso?”

“Eu acho que talvez se você me chamasse para um encontro em um contexto em que você não seria meu paciente.”

“Que horas o seu turno acaba hoje?”

“As sete.”

“Eu posso esperar até as sete.”

Eles ficaram um pouco quietos depois disso, com Theo se concentrando em fazer os pontos. Mas o tempo todo havia um sorriso no canto de sua boca.

“Terminei.” Theo disse.

“Obrigado.” Samuel disse.

“De na-” Theo começou a dizer mas foi parado pelos lábios de Samuel contra os dele.

Foi um bom beijo, do tipo que fez ele começar a sorrir no meio.

“Você deveria ter esperado até as sete.” Theo disse após o beijo acabar abrindo a porta.

“Eu perdi muito sangue, eu não estou pensando claramente.”

“Claro que você não está.”

“Te vejo às sete.”

E Theo o viu ir embora. Definitivamente algumas linhas tinham sido cruzadas. E de alguma maneira ele não se importava nenhum pouco.

Drunk Dial

Quando você viu quem estava ligando quase não atendeu o telefone.

Como uma regra geral você não atendia ligações de Exes, na verdade a maioria deles estavam bloqueados no celular. Mas esse Ex em particular era diferente. Você sabia desde que você era criança que você não foi feita para um romance tradicional, casamento, filhos e tudo mais, mas se você fosse fazer algo assim com alguém teria sido com ele.

"Breno, você sabe que são três da manhã certo?" Você perguntou.

"Sim, mas você quase sempre ainda estava acordada nessa hora. Isso mudou?"

"Não, insônia e eu ainda somos constantes companheiras."

Você pode ouvir Breno rindo baixo do outro lado da linha. Rindo como um garotinho de coisas que nem eram tão engraçadas assim, do jeito que ele só fazia das poucas vezes em que você conseguiu deixá-lo bêbado.

"Então você foi em um bar essa noite?"

"Pior, um clube de striptease."

"O QUE?" Você disse tão alto que acordou seu gato que estava dormindo na beira da cama.

"Meus amigos me obrigaram, eles dizem que é tradição, é minha despedida de solteiro."

"Oh, certo. Eu tinha ouvido que você ia casar em breve."

Uma amiga tinha comentado, e você passou as cinco horas seguintes olhando o facebook da namorada dele. E embora esse ato tenha te deixado melancólica, você não estava com raiva e inveja. Ela parecia certa para ele de todas as maneiras que você não era, ela parecia o tipo que poderia dar para ele o tipo de vida que ele sempre quis.

"Bem em breve, em algumas horas."

"Então você devia ir dormir, não ligar para garotas que você costumava namorar."

"Sim, eu sei."

"Então porque você ligou?"

"Eu não sei, eu só queria ouvir a sua voz, esse é um motivo estúpido certo?"

"Não, não é. Eu gostei de ouvir a sua voz também."

"Você acha que eu estou cometendo um erro, casando com ela?"

Você hesita por um segundo, então pergunta:

"Você a ama?"

"Sim, mas-"

"Sem mas, você a ama e eu acho que ela pode te fazer bem feliz, isso é o que importa, certo?"

"Certo, certo. Eu acho que eu vou seguir o seu conselho e ir dormir. Boa noite."

"Boa noite Breno."

Nascido para Morrer

Apolo cura as feridas no corpo de Hector, como ele fez outras vezes enquanto este estava vivo após algumas das piores batalhas daquela guerra.

"Porque meu deus me abençoa dessa maneira?" Hector tinha perguntado uma vez.

"Porque eu não o faria?" Apolo respondeu com um tom leviano apesar de estar bem ciente que aquilo não era algo que ele faria por qualquer um, como a maioria dos deuses ser gentil não era algo que geralmente faria parte de sua natureza. Mas o filho mais velho de Príamo sempre foi capaz de despertar isso nele.

Após Aquiles tirar a vida de Hector, continuou a descontar sua raiva contra o corpo, tirando suas roupas e o amarrando pelos pés e o arrastando pela terra enquanto ele cavalgava ao redor de Tróia, como se isso fosse conseguir diminuir seu luto pelo seu amado Patroclus.

No entanto, por causa de Apolo nenhum sinal disso se mostraria na pele do Príncipe de Tróia. Refazendo a pele voltar a ser o que era nos seus melhores dias, belo e bem descansado, dando a impressão que Hector estava apenas dormindo,

mesmo que sua alma já tivesse ido para Hades naquele ponto.

Ele esteve com Hector em todas as batalhas, o ajudando ou apenas o observando, exceto pela última, a que Zeus e os Destinos o impediram de interferir.

Porque sempre seria assim.

Tróia sempre iria cair.

E Tróia nunca iria cair enquanto Hector ainda respirasse.

Ele estava condenado desde o começo.

Aquiles está destinado a morrer também.

E logo.

E haverão aqueles que sentiram por ele um luto tão profundo quanto aquele que agora Tróia sentia por Hector.

Mas Apolo não será um deles.

Nessa guerra muitos dos deuses tinham seus favoritos, Atena tinha seu inteligente Odisseu e Afrodite sua bela Helena, e talvez um dia elas

sentiriam a dor que ele sentia naquele momento, a de amar algo que era mortal.

A Uma Chamada de Distância

Que tipo de pessoa liga para alguém que ela não vê há cinco anos às duas da manhã pedindo por um favor?

Uma idiota sem noção, Alice pensou. *Ou alguém que esteja realmente desesperada,* ela pensou logo em seguida.

A primeira opção seria algo que a irritaria muito, se Lara tivesse a acordado aquela hora e a feito sair de sua cama, por algo que acabasse não sendo nada demais ela ficaria muito puta. E ainda assim era a opção que ela preferia.

Cerca de vinte minutos antes Lara tinha ligado para ela lhe pedindo para a pegar em um endereço no meio da cidade. Quando Alice pediu por mais informações sobre o que estava acontecendo Lara disse:

"Apenas venha me buscar por favor, eu te explico quando você chegar aqui, eu só tenho 2% de bateria no meu celular. E eu não tenho mais nin-" e nesse momento a ligação foi cortada.

Seria bom pensar que Lara só estava bêbada e precisava de uma carona e por algum motivo resolveu ligar para a amiga que ela não via há anos

ao invés de para o homem com quem ela era casada.

Mas tinha uma falha com esse cenário, e era o fato de Lara estar grávida de acordo com o que a mãe de Alice tinha lhe dito quando ela foi visitá-la mês passado. Lara era irresponsável às vezes, mas ela também se importava com pessoas e ela não faria algo que pudesse prejudicar o feto que crescia dentro dela. Alice tinha certeza disso.

O tom de sua mãe ao lhe passar tal informação irritou Alice bastante. Como se dizendo : *Viu só? Até a sua amiga mais ferrada agora está na sua frente.*

Na adolescência e começo da vida adulta Alice era o orgulho de sua mãe. A filha tão inteligente e estudiosa que tinha ido para uma universidade federal e se formado no topo da sua classe. Uma moça responsável que estava sempre ajudando sua mãe ao invés de ficar perdendo tempo com rapazes e festas.

Todas essas coisas ainda eram verdade, mas agora nenhuma delas parecia pesar tanto quanto o fato dela não ter um marido, apesar de um marido ser a última coisa que ela queria.

Foi a mesma coisa quando Lara se casou.

O casamento idiota que tinha arruinado tudo. Antes do casamento Lara sempre a convidava para fazer coisas, mesmo com Alice dizendo não para esses convites com bem mais frequência do que ela dizia sim, e ela sempre entendia que a carreira de Alice vinha antes do seu tempo de lazer com Lara.

Mas quando alguns dias antes do casamento Alice a informou que ela não poderia comparecer à cerimônia devido a uma viagem de negócios arranjada por sua companhia Lara ficou bem irritada e as duas acabaram tendo uma discussão enorme.

E naquele dia ela ficou em casa sabendo que do outro lado da cidade Lara estava se casando.

Lara parou de ligar após isso. E talvez sempre fosse acabar assim, Alice decidiu. Mesmo se elas nunca tivessem brigado, Lara sempre a deixaria para trás uma vez que ela se casasse.

Mas agora Lara precisava dela, e então ela estava indo.

Você é tão patética.

Alice estacionou o carro no endereço indicado e começou a olhar em volta, quando ela ouviu seu

nome sendo dito, e logo em seguida sentiu os braços de Lara ao redor dela a abraçando forte.

“Eu estava com tanto medo que você não viria.”

“Certo...você pode me contar porque você me chamou?”

“Posso entrar no seu carro primeiro? Está muito frio aqui fora.”

Alice assentiu com a cabeça e as duas entraram dentro do carro. Só então Alice notou que ela carregava uma mala, também só então a vendo sentada ela viu o tamanho de sua barriga. Ela tinha sentido a barriga de Lara durante o abraço e sabia que ela estava grávida antes disso, mas ainda assim vê-la assim era um tanto estranho.

“Com quantos meses você está?”

“Seis, quase sete.” Lara disse, e após perguntou “Então eu te acordei hoje?”

“Sim.”

Lara riu suavemente.

“Qual a graça?” Alice perguntou.

“Apenas a maioria das pessoas diriam não para ser educadas, mas não você. Eu senti falta disso, da honestidade bruta. De qualquer maneira, eu sinto muito por ter te acordado, então como você está?”

“Nesse momento eu estou querendo saber porque você me tirou da cama às duas da manhã.”

Lara hesitou, aí respirou fundo e disse:

“Então algumas horas atrás eu e meu marido brigamos feio e eu peguei o primeiro ônibus para longe dali. Meu plano era apenas ir dormir em um hotel baratinho e voltar de manhã, mas acabou que o que eu tenho na minha conta não dá nem pra um hotel baratinho ou para a passagem de volta, então eu te liguei.”

“Então você quer que eu te leve de volta para a sua casa?”

“Não, eu estava me perguntando se eu poderia dormir no seu sofá hoje a noite? Amanhã eu vou embora, eu prometo.”

“Eu tenho um quarto extra, você pode dormir lá.”

“Oh, chiquê.”

“Tem um carregador portátil de celular no porta-luvas. Você pode usá-lo.”

“Obrigada.”

“E você devia avisar para o seu marido que você vai dormir na casa de uma amiga antes que ele fique nervoso e chame a polícia."

Lara assentiu com a cabeça e começou a fazer o que Alice disse.

Alice começou a dirigir para casa, ela esperou que Lara continuasse falando após terminar de digitar a mensagem para seu marido, mas ela apenas descansou a cabeça contra o assento do carro e ficou observando a cidade pela janela do carro.

Quando elas chegaram Alice pegou a mala e se surpreendeu por esta estar bem mais pesada do que ela estava esperando.

“Você não precisa carregar, eu mesma posso fazer.” Lara disse.

“Eu não me importo de levar para você.” Alice disse.

Quando elas estavam no elevador Lara perguntou:

“Quando você se mudou?”

“Uns dois anos atrás, eu finalmente juntei o suficiente para ter o meu próprio lugar.”

“Esse é o seu apartamento mesmo, você não está apenas alugando?”

“Sim, eu acabei de dizer que esse é o caso.”

“Eu sei, mas eu estou impressionada. propriedades no centro da cidade são tão caras.”

Sobre isso Lara não estava errada, o apartamento tinha custado caro e ainda estava custando já que nem todas as parcelas ainda estavam pagas, e frequentemente Alice achava que que ela deveria ter comprado algo menor.

Na época em que ela estava vendo lugares à venda, sua mãe ficou insistindo que ela devia comprar um lugar com mais de um quarto para as crianças, então comprar um lugar com essa descrição pareceu melhor do que explicar que ela provavelmente nunca teria uma família, ou o porquê.

Alice colocou a mala na cama e foi para seu quarto pegar cobertores e travesseiros limpos. Ao retornar para o quarto de hóspedes novamente seus olhos pararam na mala de Lara.

Ela colocou as coisas que ela tinha trago em cima da cama e se sentou ao lado de Lara.

“Posso te fazer uma pergunta pessoal?”

“Sim?” Lara disse parecendo meio temerosa.

“Sua mala está pesada demais para alguém que só pretendia ficar uma noite fora.”

“Isso não é uma pergunta.”

“Você não apenas saiu para esfriar a cabeça, você deixou o seu marido, certo?”

Lara ficou em silêncio por um momento então disse:

“Sim.”

Alice sabia que isso era uma má ideia, a única coisa pior do que ser uma mulher que nunca se casou na idade delas é ser uma mulher divorciada, e uma que está grávida e desempregada ainda por cima.

“Você não precisa me dizer que eu não deveria fazer isso. Minha mãe, minha tia e todas as minhas outras amigas já me disseram que pedir por um divórcio é a coisa mais idiota que eu poderia fazer com a minha vida do jeito que ela está. E que eu estou sendo ingrata, e eu sei que elas estão certas,

ele não é um marido ruim, ele não bate em mim ou algo assim. Mas ele não me faz feliz já há um bom tempo e ultimamente tudo que ele faz é me criticar. Até eu ser demitida virou minha culpa mesmo com todo mundo da fábrica sendo demitido além de mim."

"Ele não soa tão bom assim. Francamente ele soa como um babaca."

"Bem, mas você nunca gostou dele."

Isso era verdade. Ela não tinha simpatizado nenhum pouco com o marido de Lara quando tinha sido apresentada a ele alguns anos atrás quando ele era apenas o namorado novo. Mas o mesmo era verdade sobre todos os namorados que Lara teve desde a adolescência. Mesmo aqueles que tratavam Lara bem e a faziam rir.

"Talvez ele seja um marido ruim, mas eu também sou uma esposa ruim, então eu acho que nós nos merecemos." Lara disse e riu, mas os olhos dela pareciam tristes.

Tão tristes que fizeram algo doer no coração de Alice.

No trabalho, na faculdade e na vida em geral Alice tinha sido muitas vezes comparada com um robô ou

com uma mulher feita de gelo. Geralmente tais coisas eram ditas como ofensas, mas ela secretamente pensava nelas como elogios.

Mas não era verdade, ou pelo menos não quando ela estava com Lara, que não apenas a fazia sentir coisas, como fazia as coisas que ela sentia pesarem bem mais do que todos os argumentos lógicos de como agir em sua mente.

“Fique.” Alice disse.

“Uh?”

“Você pode ficar aqui se você quiser. Não apenas hoje a noite, por quanto tempo você quiser. Você não precisa voltar para ele se ele te faz infeliz. Você pode ficar aqui até você se ajeitar.”

“Você está falando sério?”

“Eu não teria oferecido se eu não estivesse falando sério.”

Lara a abraçou, e beijou sua bochecha.

“Obrigada. Obrigada. Eu vou arranjar alguma maneira de te recompensar, eu prometo.”

Alice se afastou do abraço e encontrou um sorriso enorme no rosto de Lara e pequenas lágrimas em seus olhos.

“De nada. Você devia dormir agora, está muito tarde.” Alice disse se levantando da cama.

“Eu vou, boa noite. E obrigada por tudo, realmente.”

“De nada.” ela disse e deixou o quarto.

Duas Xícaras de Café

Ivan era uma pessoa de rotinas e hábitos. Pelo último ano todo dia de semana pela manhã ele levava sua filha até a porta do colégio, depois ele ia para a lanchonete mais próxima, sentava sozinho na última mesa no canto esquerdo, lia o seu jornal e tomava duas xícaras de café em cerca de quinze a vinte minutos e ia embora.

Naquele dia ele seguiu exatamente a mesma rotina, mas após cinco minutos sentado na sua mesa habitual um homem de cabelos e olhos castanhos colocou a mão de leve no seu ombro e disse :

"Você se importa se eu me sentar na sua mesa? Todos os outros lugares estão ocupados."

"Eu não me importo. Vá em frente." Ivan disse.

"Obrigado. Eu acho que eu devo ter passado umas cem vezes por esse lugar sem entrar."

Ivan estava prestes a voltar para a leitura do seu jornal quando o homem disse :

"E você? Você vem aqui com frequência? Isso não é uma cantada, eu só quero saber o que eles servem de bom aqui."

Ouvir que não era uma cantada o decepcionou, e isso o surpreendeu um pouco, seu marido tinha morrido pouco mais de um ano atrás e desde então a possibilidade de romance nem tinha passado por sua cabeça.

"Eu venho aqui com frequência. Eu não assumi que você estivesse flertando. O café é bom, o pão é adequado, a qualidade dos outros produtos tende a variar bastante, mas minha filha em geral gosta bastante da torta de morango e dos pães de queijo."

"Parece uma menina com bom gosto."

"Ela é."

O homem pediu uma porção de pães de queijo e Ivan voltou a ler o seu jornal. O homem terminou sua refeição rápido e disse :

"Eu agradeço a você e a sua filha pela indicação, estava muito bom. Você se importa se eu der uma pequena olhada no caderno de esportes do seu jornal?"

"Pode olhar. Pode ficar na verdade, eu só leio o primeiro caderno e a seção de economia."

"Obrigado, então tem algo de bom acontecendo na economia do mundo?"

"Não, tudo está horrível."

Ele não disse isso como uma piada, mas o homem riu e ele se sentiu estranhamente orgulhoso disso. E ao longo do dia a memória desse momento, do som do riso e da imagem dos lábios do homem se movendo ficou voltando para a sua mente.

.

.

.

No dia seguinte ele fez como sempre e sentou na sua mesa de sempre. Mas como no dia anterior, poucos minutos após entrar na lanchonete ele sentiu uma mão no seu ombro.

"Oi, eu sei que tem um monte de mesas vazias, mas eu estava me perguntando se você se importaria se eu me sentasse com você de novo."

"Eu não me importo."

"Meu nome é Matias, eu esqueci de me apresentar ontem."

"Prazer em conhecê-lo Matias. Eu sou Ivan."

Como na maior parte dos dias Ivan trouxe seu jornal, mas ele não leu naquele dia com a conversa com Matias fluindo de uma maneira que fazia com que ele não sentisse a menor necessidade de se distrair com leitura, e pouco antes da sua segunda xícara de café acabar, Matias lhe perguntou sobre sua esposa, e Ivan lhe disse que ele nunca teve uma esposa, apenas um marido e esse tinha falecido um pouco mais de um ano atrás.

E ele disse que ele sentia muito pela sua perda, que era provavelmente bem difícil criar sua filha sozinho. Aquilo era algo que Ivan tinha ouvido diversas vezes, mas havia uma sinceridade no olhar daquele sujeito que mal o conhecia que ele não tinha visto muitas vezes.

.

.

.

No terceiro dia Matias já estava lá esperando por ele na mesa deles antes de Ivan entrar.

Novamente Ivan pediu duas xícaras de café, mas dessa vez seu tempo na lanchonete se alongou por quase uma hora enquanto ele e Ivan discutiam suas vidas. E ele só se levantou pra ir embora porque se

não ele corria um grande risco de chegar atrasado pro trabalho.

“Me deixe pagar. Como um pedido de desculpas.” Matias disse quando a garçonete trouxe a conta.

“Porque você precisaria se desculpar?”

“Porque eu menti no dia que a gente se conheceu. Era uma cantada...e isso aqui também é.” ele disse e deu um sorriso meio inseguro.

Ivan considerou as palavras por um momento e então disse:

“Certo, mas eu vou pagar o próximo.”

E ele saiu da lanchonete suspeitando que suas manhãs de tomar café sozinho tinham terminado.

Registros Fotográficos

Na opinião de Joana o melhor horário para fotografar o lago era durante o entardecer.

As vezes olhando para a paisagem naquela hora Joana se sentia privilegiada de viver naquela pequena vila esquecida pelo resto do mundo, ao invés de presa.

Ela ajustou suas lentes e começou a tirar fotos de ângulos diversos. Ela notou um movimento na cabana que ficava na frente do lago e clicou na direção desta sem pensar muito.

E logo notou a mulher que morava na cabana ao lado do lago andando até ela.

Joana não conhecia Sabrina bem, ela tinha se mudado para a vila há pouco tempo, o que a surpreendeu um pouco, aquele era o tipo de lugar para onde apenas velhinhos aposentados se mudavam, enquanto Sabrina parecia ser apenas um pouco mais velha do que ela.

"Oi. Hum...você estava tirando fotos minhas?" Sabrina perguntou ao alcançá-la.

"Não, eu estava tirando fotos do lago e da paisagem e você ficou na frente arruinando a composição da imagem."

Para a surpresa de Joana, Sabrina riu. A maioria geralmente ficava ofendida quando ela dizia o que ela pensava, a única exceção sendo sua avó. Joana sentiu uma vontade de fotografar aquele riso, parecia algo que valia a pena registrar, mas se conteve.

"Então nós temos mais uma artista nas redondezas."

“Eu não sei se eu posso me chamar dessa maneira, eu apenas gosto de tirar fotos. Embora eu tenha um número razoável de seguidores online que gostam delas.”

“Então, será que você poderia deletar a foto que você tirou de mim?”

"Porque? Você é boa demais para as minhas fotos?"

Sabrina pareceu hesitar por um momento, então disse:

"Não é isso. Eu tenho uma ex namorada bem ruim que não sabe onde eu estou. E caso ela veja fotos

minhas fotos online é capaz dela descobrir e vir atrás de mim."

Ex. Namorada. As duas palavras parecem ecoar na mente de Joana.

Ela passou os últimos anos tendo certeza que ela era a única pessoa não heterosexual vivendo na vila, com um lugar daquele tamanho parecia bem improvável que houvesse muitas lésbicas ou mulheres bissexuais por ali. Mas aparentemente ela estava errada.

Joana disse para si mesma para parar de ser ridícula, que ela não ia se atirar na primeira mulher não hétero que cruzava seu caminho desde a época de escola, e ainda assim ela não conseguia deixar de reparar agora o quão bela Sabrina era.

"Certo, eu não vou colocá-las online. Vai ser apenas para a minha coleção pessoal."

'Obrigada."

"De nada." Joana disse e ia voltar a tirar suas fotos quando ela notou que Sabrina ainda estava lá ao seu lado olhando para ela, então ela continuou "Você quer mais alguma coisa?"

“Eu estava apenas curiosa, eu já te vi várias vezes aqui sempre fotografando o mesmo lugar, geralmente nos mesmos ângulos. Ou pelo menos é o que parece da janela da minha casa”

"É um projeto, eu achei que seria interessante ver como o lago muda ao longo do ano. Eu sei que não é tão criativo assim, e que muitos fotógrafos já fizeram coisas similares, mas nunca aqui."

"Na verdade eu acho que é uma ótima idéia. Esse lugar é tão belo, seria bom se mais pessoas o conhecessem. Minhas memórias favoritas da infância foram passadas aqui. Você é originalmente daqui?"

"Não. Eu fui deixada aqui com minha avó após meus pais morrerem quando eu era adolescente."

"Eu sinto muito."

"Yeah, foi bem difícil no começo. Eu não conseguia ver nada de bom nesse lugar.”

“E agora você vê?”

“Algumas coisas.” ela disse e apontou sua câmera para Sabrina.

“Outra foto para a sua coleção pessoal?”

“Algo assim.” Joana disse e tirou a foto dela.

Ensaio de Casamento

Eduarda se sentia honrada por Mariana ter a chamado para ser madrinha de casamento. Ela realmente sentia. E ainda assim haviam momentos como aquele em que ela gostaria um pouco que sua amiga tivesse escolhido outra pessoa para cumprir aquele papel. Qualquer outra pessoa.

Se fosse só aparecer no dia seria uma coisa, mas aparentemente ser uma madrinha de casamento envolvia ensaios, aulas de dança, e um monte de outras coisas que Eduarda nunca tinha pensado a respeito. Aquele dia era um dos seus poucos dias de folga do escritório, e ainda assim aqui ela estava tendo ensaio de dança com as outras madrinhas e padrinhos que estava durando bem mais horas do que Mariana tinha dito que duraria.

E também não ajudava que o homem que iria andar com ela até o altar e ser seu parceiro de dança não parecia dividir nenhum pouco seus sentimentos quanto ao negócio todo. Precisamente o oposto, Lukas administrava uma pequena empresa que se focava em organizar eventos, especialmente casamentos, e ele obviamente tinha sido encarregado na organização daquele. Mariana tinha comentado no passado que seu irmão tendia a ser

um tanto intenso quando se tratava do trabalho dele, acabou que isso era um enorme eufemismo.

Houve um intervalo, e Eduarda aproveitou para ir para o banheiro e aí ir para o lado de fora onde havia uma recepção melhor de celular para mandar uma mensagem para sua irmã dizendo que ela provavelmente demoraria a chegar em casa.

Aparentemente Lukas tinha tido uma idéia similar a dela, porque ele estava no lado de fora falando no celular com alguém, ele estava andando em círculos enquanto ele falava e pelas expressões do seu rosto não estava sendo uma conversa agradável.

"...eu não me importo se flores de lótus não são comuns em arranjos florais, é o que minha irmã quer e é o que ela vai ter mesmo que eu tenho que arrancar cada flor eu mesmo!" ele disse alto o suficiente para ela ouvir e terminou a chamada.

E aí ele notou que ela estava olhando. Ele pareceu um tanto embaraçado.

"Eu sei que isso deve ter parecido rude, mas as pessoas da floricultura estão sendo enorme babacas e propositalmente obtusos." Lukas disse.

“Se você diz. Você tem certeza que Mariana não estaria disposta a fazer concessões quanto às flores?"

“Eu tenho certeza que ela faria, mas ela não deveria ter que fazer. Desde que nós éramos crianças, quando nós falávamos sobre nossos casamentos dos sonhos, ela sempre mencionava querer flores de lótus na decoração, e eu vou fazer o que eu puder para que ela tenha tudo que ela queira.”

“Vocês falavam muito sobre os seus casamentos dos sonhos quando vocês eram crianças?”

“Talvez um pouco mais do que o normal. Mas sabe que criança não pensou sobre como seria o dia do seu casamento?”

“Eu não pensei.”

“E agora? Ou você não quer se casar?”

“Talvez um dia, se eu encontrar a pessoa certa.”

“E a cerimônia, tem alguma coisa que você gostaria?”

“Francamente eu sempre achei que caso eu me casasse seria apenas ir no cartório na hora do

almoço com meu parceiro ou parceira e acabar com tudo de uma vez em meia hora.”

A expressão de completo horror no rosto de Lukas fez ela rir.

Mas após ela sentiu uma pequena pontada de culpa.

“Eu sinto muito, eu não estou menosprezando a sua profissão, é apenas que não é algo que eu passei minha vida sonhando a respeito”

“Tudo bem eu sei que minha profissão não é tão importante quanto a sua.”

“Talvez. Mas é importante da sua própria maneira, tipo sim eu não me importo muito com essas coisas, mas muitas pessoas pensam no dia de seu casamento como o dia mais importante de suas vidas, e você ajuda elas a ter isso. E tudo que eu vi indica que o casamento da sua irmã vai ser um dia maravilhoso para ela. Você devia sentir orgulho de você mesmo.”

Ela esperou que ele dissesse algo, mas ele apenas continuou olhando para ela, seus olhos estranhamente suaves.

“O que ?” ela perguntou.

“Nada, é apenas essa é uma das coisas mais gentis que já me disseram sobre minha profissão. Minha mãe e meu pai não são muito fãs da minha escolha de carreira, eles queriam que eu fosse algo como um médico ou um advogado como você. E eles falam sobre isso, constantemente.”

“Hum, eu não quero te ofender, mas seus pais parecem uns babacas.”

Ele riu.

“Isso é meio ofensivo na verdade.”

“E ainda assim você está sorrindo.”

“Sim eu estou...caso você acabe se decidindo se casar, me chame, seria um desafio interessante fazer algo belo e significativo de uma cerimônia de trinta minutos em um cartório.”

“Quem sabe talvez acabe sendo algo maior, se a pessoa com quem eu me casar quiser um grande casamento eu estaria disposta a fazer por ele.”

Por algum motivo o comentário fez Lukas sorrir. O que ela achou ridiculamente adorável.

“Eu adoraria estar envolvido nisso se você me permitir.”

“Eu vou manter isso em mente.”

“Nós devíamos voltar para dentro, o intervalo deve estar quase acabando.”

“Certo.”

E eles voltaram para dentro.

Eu Sei Que o Amor Pode Ser Cruel

Como ela fazia antes, a deusa do amor vem até Helena à noite, após o seu marido estar dormindo, mesmo que agora esse marido fosse mais uma vez Menelaus ao invés de Paris. E o lugar onde ela estava era Esparta ao invés de Tróia.

Ela a chama com um dedo, e Helena vai até ela.

Como ela sempre fez toda vez que a deusa do amor chamou por ela.

É muito perigoso dizer não para um dos Olimpianos, mas não é por isso que Helena anda até ela.

Ela estava com seus ombros apoiados contra a sacada, sua pele iluminada apesar de ser uma noite sem luar.

“Você parece assustada.” Afrodite comentou.

“Eu estou.”

“Porque? É apenas eu.”

“Precisamente isso. É você. Eu tenho mais medo de você do que de qualquer outro deus que já andou ou vai andar por esse mundo.”

“Seu pai é bem mais perigoso do que eu.”

“Ele é, mas você me assusta mais. Você fez com que eu fizesse coisas que eu nunca acreditei que eu faria, sua influência me assusta, você me faz corajosa de todas as maneiras erradas.”

Afrodite sorriu.

“Isso não foi um elogio. Eu não sou mais uma menina Afrodite, eu conheço você agora.”

“Você não era uma menina quando nós nos conhecemos. Você era uma esposa e uma mãe. E eu posso ter feito o amor despertar no seu coração e ter ajudado na passagem sua e de Paris para Tróia, mas você escolheu pegar a mão dele e a minha também.”

“É por isso que você está aqui? Para me fazer pegar sua mão novamente?”

“Acredite ou não, eu estou aqui por você. Para ver se você está bem.”

Helena acreditava nela, ela sabia que a deusa a amava. Mas o amor de um dos deuses podia ser tão perigoso quanto o seu ódio.

“Menelaus é gentil comigo se é o que você está perguntando, a maioria dos homens me odiaria para sempre por tudo que aconteceu, mas não ele, eu me lembro o porque eu o escolhi há tanto tempo atrás em Argos.”

“Mas você o ama?”

“Sim.”

“Mais do que você amou Paris?” Afrodite pergunta.

Mais do que você me ama? Afrodite pensa, e ambas sabem que é o que ela realmente está perguntando.

“É um tipo diferente de amor, o tipo que aconchega ao invés de queimar.”

“Mas você não sente falta das chamas?” Afrodite disse e tocou o rosto dela.

E apenas o encostar de seus dedos sente como um beijo, Helena nunca soube se é assim pelo poder divino ou se seria assim mesmo se ela fosse mortal como ela.

“Não o suficiente para andar na direção do fogo novamente.” Helena diz.

E ainda assim quando Afrodite traz seus lábios até os dela, ela não se afasta e aceita os lábios dela

como ela fez tantas vezes antes. E fecha seus olhos para senti-la melhor, para esquecer que tudo existe, até ela mesma.

E como tantas outras vezes, Afrodite desaparece antes que Helena abra seus olhos.

Ela volta para sua cama, para Menelaus. E no escuro antes de adormecer Helena sente falta das chamas.

Atravessando a Rua

Você passou o final de semana todo esperando pela segunda-feira.

Isso é porque como punição pela sua nota ruim no último teste de matemática sua mãe proibiu você de ir para rua para brincar com as outras crianças.

E pelo visto toda a sua antecipação foi a toa, porque o dia começou chovendo e se continuasse você não você não poderia ir para o parquinho brincar depois depois que as aulas acabassem, e você nem poderia andar de bicicleta para a escola o que em geral era a sua parte favorita do dia. O que parecia muito injusto já que você já tinha passado o fim de semana sendo punido ansiando por estar do lado de fora.

Na hora de sair sua mãe te deu o pior guarda-chuva da casa.

“Mãe! Me deixa levar o grande, por favor?”

“Não, é novo. E eu não quero que você perca ele como você perdeu os últimos dois.”

“Eu vou cuidar dele, eu prometo.”

“Isso é o que você disse sobre os dois últimos guarda-chuvas e aí eu nunca os vi de novo.”

Você está quase desistindo quando você pensa em um argumento que talvez conseguiria convencê-la.

“Mãe, eu tenho que levar o Jonas comigo pra escola, essa que você me deu é pequena demais para duas pessoas. Não vai dar pra eu proteger nós dois da chuva direito, e aí pingos de chuva vão acabar caindo nos óculos dele. Você quer que Jonas ande para a escola meio-cego?”

Sua mãe rola seus olhos.

“Você está exagerando.”

“Por favor mãe, por favor.”

“Tá. Você venceu.”

“Sim!” Você diz e levanta suas mãos para o ar em vitória.

Ela rola seus olhos de novo. E então se inclina para beijar sua testa e diz:

“Tenha um bom dia na escola. E se comporte. Por favor se comporte.”

“Eu vou.”

Você vai para a rua e bate na porta da casa de Jonas. Quem atende é o pai dele.

“Bom dia Milo.”

“Bom dia Senhor Salveri, Jonas está pronto?”

“Me deixa ver...Jonas VOCÊ ESTÁ PRONTO?! MILO ESTÁ AQUI.” ele diz gritando na direção do quarto de Jonas.

“Quase! Diz pra ele que eu já to indo.” Jonas diz.

“Ele já está vindo.” Sr. Salveri diz.

“Sim, eu ouvi.”

“Então nada de bicicleta hoje?”

“Minha mãe disse que é perigoso andar de bicicleta quando está chovendo. Ela acha que eu vou escorregar e bater de cabeça.”

“Faz sentido. Tem certeza que vocês não preferem pegar um ônibus?”

“Eu não acho necessário, não é tão longe e não tá chovendo tanto assim. Talvez até a gente chegar lá já tenha um sol brilhando no céu.”

Nesse momento Jonas entra na sala usando uma capa de chuva amarela que vai quase até os seus pés. Ele parece muito fofo, mas você sabe que você não deve dizer isso, pelos últimos dois anos toda vez que Jonas faz ou diz algo fofo e você aponta o quão fofo é, ele fica irritado com você, especialmente quando você faz na frente de outras pessoas.

Ele se despede de seus pais e vocês dois começam a andar pela rua a caminho da escola.

Na primeira rua que vocês vão cruzar você segura a mão dele para atravessar, como você fez toda vez antes. Mas dessa vez após você a segurar por um segundo Jonas solta a sua mão e começa a andar sozinho.

Ele para no meio da rua e olha para você ainda na calçada.

“Vamos, o sinal vai fechar logo.”

“Eu sei, mas-” Você diz e mostra a sua mão vazia.

Jonas anda até você.

“Eu tenho nove anos, não seis, você não precisa segurar a minha mão. Não é como se eu fosse correr

para o meio da rua do nada.” ele diz parecendo irritado.

“Eu prometi para a sua mãe que eu faria.”

“O que ela não sabe não vai machucar ela.”

“Mas-”

“As pessoas estavam rindo da gente.”

“O que?”

“Da última vez que nós chegamos na escola a pé, você segurou a minha mão quando nós fomos atravessar a rua e as pessoas viram e elas riram.”

“Eu não vi ninguém rindo.”

“Isso é porque você nunca presta atenção em nada. Mas eu vi e foi horrível. Você é mais velho do que eu, você devia saber que algumas coisas não são certas de fazer quando você atinge uma certa idade.”

“Tá. Mas fique perto de mim, eu prometi para a sua mãe que eu não deixaria nada de ruim acontecer com você no caminho da escola. Eu não posso garantir isso se você se afastar.”

“Okay.”

Vocês cruzam a rua de mão separadas, e andam em silêncio por uns dois quarteirões até Jonas dizer:

“Você está com raiva de mim por causa do negócio com a mão?”

“Não.”

E isso é verdade, raiva não define bem o que você está sentindo. É apenas que você realmente gostava de segurar a mão dele, e você só notou agora que você não podia mais fazer o que parecia muito injusto.

“Então para de fazer essa cara. Eu estou fazendo isso por você também, você não quer as outras crianças fazendo pouco de você.”

Ele está certo, você não queria.

“Então, como foi o seu final de semana?" Você pergunta.

“Legal. E o seu?”

“Péssimo! Eu fiquei preso em casa o tempo todo.”

“Eu também não sai de casa esse fim de semana.”

“Eu achei que você ia sair para brincar.”

“Não tava com vontade.”

“Porque eu não tava lá para brincar com você, então perdeu a graça?”

“Não foi isso!” Jonas diz, mas pela vermelhidão do rosto dele você pode ver que você acertou na mosca.

Para não embaraça-lo mais você ignora e pergunta:

“Então o que você fez neste semana?”

“Eu li um livro que meus pais me compraram.”

Isso fazia sentido, Jonas estava sempre lendo livros. Não é que você não gostasse de ler, mas é que geralmente com gosto mesmo você só lia quadrinhos e pessoas continuavam te dizendo que isso não contava como leitura de verdade.

“Um livro sobre o que?”

“É sobre esse arqueiro da Inglaterra que rouba dos ricos para dar para os pobres. Eu acho que você gostaria.”

“Sim, parece meio legal. Me conta o que você lembra da história.”

E ele conta. E Jonas estava certo, você gosta da história. Ou pelo menos você gosta do jeito que ele

conta. E você fica tão distraído pensando nos personagens que ele descreve e suas aventuras que na próxima vez que vocês vão cruzar a rua, automaticamente você segura a mão dele. E aí você lembra, e solta.

“Sinto muito.” Você diz.

“Tudo bem.” Jonas diz, desta vez sem parecer irritado.

E logo ele volta a contar a história do livro para você. E é uma boa maneira de começar o seu dia. Mesmo que ainda esteja chovendo, e mesmo que você não possa mais segurar a mão dele.

O Atraso e o Vestido

A namorada de Sofia costumava ser bem pontual para os encontros delas, muitas vezes ela até chegava uns quinze minutos antes do combinado.

Sofia em geral apreciava isso bastante, em todos os seus relacionamentos anteriores ela sempre sentiu que o tempo dela não era tão valorizado quanto o tempo das pessoas com quem ela estivera, ela sempre era a que chegava antes e embora ela nunca tivesse reclamado disso (já que em geral em tais relacionamentos tinham tantas coisas piores dignas de reclamação) era algo que incomodava ela. Então quando Zoe se atrasou naquela tarde ela se encontrou não insegura, mas sim legitimamente preocupada que algo havia acontecido com ela.

Sua preocupação foi substituída por entretenimento quando ela viu Zoe chegar em um vestido. Não apenas um vestido como também maquiagem, e não o tipo de maquiagem escura que Zoe usava às vezes para ressaltar seus belos olhos verdes, mas uma delicada, do tipo que Sofia usaria, ela também estava usando brincos e um colar. Na verdade, pela primeira vez desde que elas haviam se conhecido Sofia se sentiu a menos feminina do par.

“Então entidade alienígena que obviamente assumiu o lugar da minha namorada, qual o seu nome?” Sofia disse com um sorriso.

“Ugh. Eu nunca deveria ter te apresentado a Arquivo X.” Zoe disse revirando os olhos.

“Talvez, mas você deve admitir que é um caso digno de Mulder e Scully : porque Zoe está usando um vestido?”

“Hilário.”

“Realmente ? Os outros sempre comentam que eu mal tenho senso de humor. Então...porque você está usando um vestido ?”

"..."

"Eu estou esperando."

“Porque eu vou conhecer os seus pais hoje e você vive dizendo que a sua mãe reclama do jeito que a sua irmã se veste e eu quero que eles gostem de mim okay?”

“Eles vão gostar de você de qualquer maneira, só o fato de você não ser a minha última ex vai agradá-los. Você não precisa mudar para impressioná-los.”

“Mas eu quero impressioná-los, e é apenas um vestido, se for me ganhar uns pontinhos a mais com eles eu quero usar.”

“Certo, se você realmente quer eu não vou te parar.”

“E minha prima ficaria puta se eu arruinar todo o trabalho dela antes de ter uma chance de ser exibido. Foi a culpa dela ter me atrasado, eu tive que desfazer muito do que ela fez. Ela queria me embonecar desde que nós éramos crianças, e agora que a oportunidade finalmente chegou ela exagerou, acredite ou não essa é a versão mais leve e sóbria do que ela queria fazer.”

“Então você finalmente realizou os sonhos da sua prima pelos meus pais?”

“Na verdade eu estava fazendo por você, eu sei como eles são importantes para você e eu acho que as coisas seriam mais fáceis para você se eles gostassem de mim.”

Sofia se sentiu tão tocada que por um momento ela não conseguia pensar no que dizer, então achando que ações naquele momento valeriam mais do que palavras, ela beijou Zoe.

Depois do beijo ainda meio sem ar Sofia disse :

“Eu acho que eu esqueci de dizer, você está muito muito muito bonita hoje.”

“Então você gosta de mim em um vestido afinal.”

“Querida eu gosto de você de qualquer maneira.”

Reencontro

Dionísio passou uma boa parte do tempo antes da jornada lembrando a Ariadne que ela não deveria comer nada enquanto ela estivesse no submundo, e quando ele abriu a boca após ela embarcar no barco de Charon ela estava esperando mais um lembrete, mas ao invés disso Dionísio disse :

“Você tem certeza que você não quer que eu vá com você ? Não seria a primeira vez que eu fiz a jornada.”

“Eu te agradeço meu marido, mas isso é algo que eu preciso fazer sozinha.”

“Certo, como você desejar.”

Ela deu a ele mais um beijo, e aí partiu com Charon pelo Styx.

.

.

.

Havia uma certa beleza no submundo, na primeira vez que Perséfone tinha mencionado para Ariadne que às vezes durante a primavera ela sentia falta não apenas de seu marido, mas também daquele

lugar Ariadne achou este um comentário bizarro, mas agora ela via que havia um certo encanto no lugar, mesmo que este fosse um tanto mais sombrio e frio do que normalmente se imagina quando se fala de beleza. E Perséfone estava esperando por ela do outro lado do Styx, oferecendo uma mão para ajudá-la a sair da barca, e dando um sorriso ao dizer :

“Bem-vinda ao submundo.”

“Eu agradeço pela sua hospitalidade, minha rainha...onde ele está?”

“Perto. Meu marido fez com que pedras crescessem ao redor dos pés dele e de seu amigo idiota, o quanto você sabe sob as circunstâncias que os levaram a ter essa punição ?”

“Apenas rumores, eu preferia ouvir a história dos seus lábios se você puder me contar.”

“Certo...talvez Teseu tenha enlouquecido após matar o filho e ver a esposa se matar. Talvez ele seja apenas uma daquelas pessoas que acham que eles podem ter tudo que eles queiram no mundo. Talvez uma mistura de ambos. Mas os fatos são que Teseu e seu amigo Pirito acharam que eles mereciam novas noivas, noivas especiais, noivas filhas de Zeus. Primeiramente eles foram buscar a escolhida

de Teseu, uma menina filha de Zeus e Leda que nem floresceu ainda. Aí eles vieram buscar a escolhida de Pirito, eu. É justo dizer que eu e meu marido não gostamos muito do plano deles."

"Hum...bem...é até mais ridículo do que eu tinha ouvido."

"Sim, eu suponho que seja."

"A menina que Teseu abduziu, você sabe o que aconteceu com ela?"

"Não se preocupe, ela está bem. Ele não consumou o casamento, ele deixou ela com a mãe e a menina já foi resgatada pelos irmãos mais velhos...minha Melinoe às vezes anda com Hecate e com os destinos e segundo ela o nome da menina frequentemente aparece cercado por caos. Mas isso é no futuro, por enquanto tudo está bem com Helena."

"Bom saber, agora por favor me leve até ele."

.

.

.

Na última vez que ela o tinha visto Teseu era um homem jovem, deitado ao lado dela prestes a adormecer. E ele era amado por ela.

Esse não era o caso agora.

Perséfone deixou ela sozinha após mostrar onde os homens se encontravam. As pedras os envolviam até o torço, e eles pareciam quase idênticos com suas peles enrugadas e longas barbas brancas. Ariadne só reconheceu Teseu pelos olhos, verdes como o mar de Creta ao entardecer.

Ela fez Pirito dormir. E agora era apenas ele e ela novamente.

Teseu olhou para ela por um tempo sem reconhecê-la, e quando ele reconheceu ele ainda assim permaneceu em silêncio por um tempo antes de dizer :

“Você parece jovem.”

“Apenas um efeito da ambrósia.”

“Então os rumores são verdadeiros, você é a amante de um deus.”

"Eu sou a esposa de um deus."

“Eu não acho que casamento signifique algo para um deus.”

“Para nós significa. Nem todo deus é Zeus ou Poseidon.”

“Então porque você está aqui? Para rir? Para se vangloriar? Ou apenas para chorar?”

Durante seus anos ela pensou muitas vezes em como ela reagiria se estivesse diante dele, e os cenários que ele falou frequentemente estavam na sua imaginação desses encontros, mas ali na prática ela sentiu vontade de fazer algo completamente diferente.

“Eu quero agradecê-lo.”

Ele pareceu surpreso, quase tanto quanto ela estava se sentindo.

“Pelo minotauro?” Teseu perguntou.

“Não, por ter me deixado naquela ilha.”

Teseu deu uma risada amarga.

“A foda com o deus deve ser maravilhosa pra você se sentir tão agradecida assim por eu ter aberto caminho pra ele.”

“Sim, é. As últimas décadas da minha vida foram muito felizes nesse quesito e em tantos outros e tudo começou com a sua decisão de me deixar para trás. Mas eu me sentiria grata mesmo se o meu caminho nunca tivesse cruzado com o de Dionísio e minha vida tivesse sido uma de frieza e solidão. Olhe para você. Você matou o seu filho. Você destruiu a vida das suas esposas. Você destruiu a si mesmo. Eu me sinto grata por ter saído cedo.”

“Você não acha que você poderia ter me tornado um homem melhor?”

“Não. Você só teria me arrastado com você. Então obrigada, do fundo do meu coração : obrigada. E adeus Teseu.”

“Se você se sente tão grata assim você poderia me soltar.”

“Você honestamente acha que eu desafiaria Hades e Perséfone por você?”

“Sua vac-” Teseu começou a dizer, mas Ariadne fez ele dormir antes que ele pudesse terminar a frase.

E dessa vez foi ela que partiu antes dele despertar.

.

.

.

Ariadne abraçou Perséfone na beirada do rio Styx e fez com que ela prometesse uma visita quando a primavera chegasse. Ela deu uma moeda extra para Charon pela passagem pelas águas. E ela sorriu ao ver a figura de Dionísio no outro lado do rio.

Ela saltou da barca e foi ao encontro dele.

“Eu disse pra você não ficar esperando, você podia ir ver uma peça ou em um bar.” ela disse.

“Eu sei, mas obediência nunca foi uma das minhas virtudes, e eu queria te ver assim que você retornasse.”

“Obrigada.”

“Então, a conversa foi boa?”

“Foi o que eu precisava fazer. Bom foi ver você aqui esperando por mim.”

Bancando o Herói

Ian examinou o roxo ao redor do olho do seu novo colega de classe que atualmente estava sentado na mesa da cozinha da sua casa.

"Parece ruim?" Caleb perguntou.

"Sim, muito. Você pode dizer adeus a ter uma carreira como modelo." Ian disse e lhe entregou a bolsa de gelo.

Aquilo era estúpido.

Tão estúpido.

Ian estava acostumado com alguns dos babacas da sua sala de aula virem implicar com ele após a saída da escola. Às vezes ele recebia socos e era empurrado contra muros, mas raramente se desenvolvia em uma briga realmente. Mas por causa de Caleb ter cismado de se meter, os dois acabaram apanhando.

E agora ele tinha trago seu novo colega de classe para a sua casa para tratar de seus ferimentos.

"Eu nunca seria um modelo." Caleb disse, colocando a bolsa de gelo sobre o seu olho machucado.

"Tanto faz, sabe, você não deveria ter se metido naquilo."

"O que eu devia fazer? Apenas deixar aqueles babacas te baterem e não fazer nada?"

Ian não via o porque não, era o que todos os outros alunos e professores da escola faziam. Ele nunca soube exatamente o que era, o que sobre sua aparência ou comportamento fazia com que ele sempre fosse um alvo para merdas desse tipo. Só que era um daqueles fatos irritantes da vida que ele não tinha esperança alguma que viesse a mudar.

"Eu estou acostumado com isso."

Caleb pareceu bem perturbado em ouvir isso. O que era estranho, francamente, se tivessem perguntado para ele algumas horas atrás se Caleb era alguém que mais provavelmente o defenderia das pessoas que implicavam com ele ou alguém que se juntaria a eles, ele teria apostado na segunda opção. Desde que Caleb tinha começado a estudar na sua turma umas duas semanas atrás, às vezes Ian pegava ele o encarando com uma expressão de irritação em seu rosto.

"Eu entendo que talvez você tenha alguma fantasia de bancar o herói, mas se você fizer isso de novo só

vai continuar te ferrando. E de qualquer maneira, não é da sua conta." Ian adicionou.

"Eu discordo."

"Essa não é uma questão que você pode discordar ou não."

"Eu discordo com isso também."

"Alguém já te disse que você é muito teimoso?"

"Você é um para falar."

“Olha, não é como se eu não estivesse agradecido por você tentar ajudar, mas se você continuar agindo assim vai te fazer um alvo também, porque arriscar?”

Após alguns segundos de Caleb encarando em silêncio. Ian adicionou:

“Você não vai responder?”

“Eu apenas não gosto quando as pessoas se comportam do jeito que eles se comportam com você. Não é certo.”

“Tanto faz, me deixa ver o seu olho.” Ian disse já tirando a bolsa de gelo do olho machucado de Caleb.

“Está melhor?”

“Sim, eu acho que eu salvei a sua futura carreira de modelo. De nada.”

“Você é um idiota.” Caleb disse e rolou seus olhos, mas ele também sorriu por um segundo.

Outro Tipo de Confissão

De todos os deveres que Pedro assumiu após se tornar um padre confessionário era um dos mais difíceis na sua opinião. Ao preparar os sermões para as missas ele sempre sabia o que dizer, mas quando lidando com os problemas pessoais de seus paroquianos um a um as coisas eram bem mais complicadas.

E naquele dia ele achava que este já havia acabado quando um dos noviços veio ao seu escritório dizer que havia uma mulher esperando para fazer confissão.

Então ele foi.

“Me abençoe padre porque eu pequei.” uma voz familiar disse do outro lado da tela de madeira que os separava.

Ele não conseguia ver as expressões de seu rosto naquele, mas ele podia imaginar o sorriso de escárnio que devia estar estampado em sua face. Afinal ele já tinha visto este muitas e muitas vezes.

“O que você está fazendo aqui?”

A mulher do outro lado do confessionário riu.

“É assim que você recebe os seus paroquianos? Não é à toa que esse lugar está sempre vazio.”

“É assim que eu recebo aqueles que eu sei que não levam esse ritual a sério, você nem sequer acredita em Deus.”

“E essa seria uma boa oportunidade para tentar me convencer do contrário, trazer mais uma alma para os braços do Senhor, embora eu gostaria de voltar para a minha confissão se você não se importa.”

“Tá, se confesse e aí vá embora.”

“E dizem que eu sou a má educada. Mas okay, eu fiz um pouquinho de todos os sete pecados principais, mas eu acho que o pior são esses pensamentos pecaminosos que eu tenho tido com relação a um membro do clero, eu penso sobre puxar o colarinho dele, ele me beija e aí ele se ajoelha diante de mim e começa a abrir o meu zip-“

“Pare!”

“Porque? Você está com medo de ficar com uma ereção na igreja?”

“Porque você fica aparecendo aqui? Você sabe que eu não posso mais fazer isso.”

“Porque eu estou entediada...e porque eu sinto a sua falta. Eu aluguei uns filmes legais, você podia ir na minha casa pra a gente assistir, depois a gente pede uma pizza e você pode dormir lá. Você se lembra como a gente costumava fazer isso no ensino médio, era divertido...não era?”

Por um momento ele pode sentir a vulnerabilidade por trás da pose.

“Isso seria quebrar os meus votos.” ele disse bem mais suavemente do que antes.

“Não seria a primeira vez que você fez isso.”

“Por favor vá embora.”

“Essa é a minha punição padre? O preço que eu devo pagar pelos meus pecados?”

Pedro continuou em silêncio.

“Eu acho que isso é um sim, huh?”

“Sim.” ele disse.

“Eu sinto a sua falta” ela disse e foi embora.

E Pedro continuou na cabine, ouvindo os passos dela se afastarem. Apenas quando ela estava longe o suficiente ele disse :

“Eu sinto a sua falta também.”

Uma Exclusiva com Lily Saunders
Havia muitas muitas razões para não se embebedar com as pessoas com quem você trabalha, manter as coisas profissionais era uma boa estratégia como uma regra em geral. Hannah sabia disso e pelos seus primeiros meses trabalhando no site de entretenimento *This is it* ela tinha seguido essa regra. Mas aí Patrick o cameraman disse que ele ia pagar uma rodada pra todo mundo para celebrar o seu noivado com Lucas da contabilidade e parecia meio rude recusar essa vez, Patrick geralmente era aquele que a acompanhava quando ela ia fazer entrevistas, e também alguém que ela achava que podia ser um amigo realmente e não apenas um colega.

Em retrospecto ela acha que ela deveria ter ido mas não bebido, porque infelizmente Hannah era o tipo de pessoa que fazia coisas idiotas quando ela bebia.

Coisas como dizer *"Sabe aquela atriz que todo mundo diz que vai ganhar o Oscar? Não, eu não estou falando sobre Meryl Streep, sim tem sempre uma chance da Meryl ganhar porque ela é Meryl, mas eu estou falando da outra, a jovem. Sim Lily. Lily Saunders. Eu costumava ser amiga dela."* e aí quando eles não acreditaram nisso, ela faz algo bem mais idiota ainda como convidar seus colegas ainda presentes no bar para o seu apartamento de um

quarto e vasculhar seu armário até achar a caixa com as fotos que ela mantinha escondida e mostrar para todos os doze dos seus colegas de trabalho presentes, ela e garota it do momento sendo bem amigáveis. E aí acordar às seis da manhã seguinte com uma ressaca massiva, um monte de seus colegas de trabalho ainda presentes e dormindo em partes aleatórias do apartamento e basicamente toda a comida da geladeira não mais presente (e a que estava presente estava na forma de vômito também em partes espalhadas também em partes aleatórias do apartamento).

Ela foi para a cozinha tomar um remédio para sua dor de cabeça e começou a catar os lixos espalhados. Ela ouviu o som de passos se aproximando, e ela viu alguns segundos depois Patrick na entrada da cozinha.

“Eu acho que a celebração pro meu noivado acabou com a sua sala.” ele disse.

“Não apenas minha sala.”

“Sinto muito.”

“Tudo bem, não é todo dia que alguém fica noivo, vale a pena celebrar.”

“Eu vou te ajudar a limpar. Vai ser um bom treino pra quando eu for um homem casado responsável.”

“Certo, eu vou aceitar.”

Eles recolheram o lixo e limparam o vômito no corredor. Agora só faltava a louça.

Hannah lavava, e Patrick secava e guardava. Pouco após eles começarem ele perguntou :

“Então porque você nunca mencionou que você conhecia Lily Saunders?”

“Você conta pra todo mundo sobre todo mundo que estudou na mesma universidade que você?”

“Se eles estivessem prestes a ganhar um Oscar, sim eu falaria.”

Hannah riu.

“Então você só quer saber porque ela é famosa ou você é um fã?”

“É claro que eu sou um fã. Quem não ama Lily Saunders?”

Por um momento Hannah ficou quieta.

Então Patrick continuou :

“Então como vocês se conheceram?”

“Faculdade. Eu já falei.”

“Sim, mas são os detalhes que dão alma a uma história. Vamos, você é uma jornalista. Você sabe disso.”

“Tá. Foi numa festa. Em geral as pessoas dos cursos de humanas se davam bem e eu fui convidada pra essa festa do departamento de teatro uns três meses após o início do meu último ano. Algumas horas se passaram e eu estava cansada então eu estava prestes a ir de volta pro meu dormitório, mas aí eu notei esse babaca que eu conhecia que fazia administração falando com essa garota que eu não conhecia, e ela estava muito claramente desconfortável e ele ou não estava se tocando ou ele estava gostando de deixar a garota daquele jeito, então eu andei até ela e disse ‘*Ei nossa carona chegou, vamos’* e ela pegou a oportunidade imediatamente e foi comigo para fora da festa.”

“Eu já vi isso acontecer, minhas desculpas em nome do meu gênero.”

“De qualquer maneira assim que nós estávamos fora da festa ela me agradeceu e disse que o nome dela era Lily e que ela era uma caloura, e nós começamos a andar juntas na direção dos

dormitórios femininos, nós conversamos um pouco sobre coisas básicas, o que ela estudava, qual era a impressão dela da faculdade até agora, em cinco minutos nós chegamos e nos despedimos. E eu achei que seria apenas isso, mas aí no dia seguinte quando eu saí da aula ela estava esperando por mim do lado de fora da sala e ela disse que ela queria me pagar um café para me agradecer por salvar ela, eu aceitei e nós fomos e foi divertido."

"Isso é bem fofo."

"Eu também achei. E no dia seguinte ela estava lá de novo, e no que veio depois disso. Nós nos tornamos amigas e nós passamos boa parte daquele ano na companhia uma da outra, falando sobre bandas e vendo filmes. Eu não notei na época, mas eu acho que ela estava realmente solitária, ela tinha se mudado de uma cidade pequena pra uma enorme sem conhecer ninguém e ela ainda não tinha feito amigos no curso dela, poderia ter sido qualquer um realmente."

"Mas ainda assim ela escolheu você."

"Lily tem três irmãs mais velhas, eu acho que ela viu em mim algo similar."

"Sim, talvez. Então o que aconteceu, porque vocês não são mais amigas?"

“Apenas o que acontece com quase todo mundo, eu me formei e eu consegui emprego em outra cidade e ela ficou por mais três anos eu acho pra completar o curso dela. Nós perdemos contato.”

Hannah se sentiu grata por estar lavando a louça enquanto ela tinha essa conversa, por poder olhar para o copo e a esponja em suas mãos ao invés de para os olhos de Patrick. Mentir para alguém enquanto olhando eles direto nos olhos sempre sentia um pouco pior.

“Mas ainda assim não explica porque você nunca mencionou ou postou alguma foto de vocês juntas, algo como uma throwback tuesday, poderia atrair um pouco de atenção pros seus artigos, as pessoas fazem isso o tempo todo.”

“Eu não sei, pareceu ruim usar ela para isso. Tipo se fosse qualquer outra pessoa que eu conhecia do departamento de teatro que tivesse se tornado famosa eu teria feito, mas Lily sempre foi tão introvertida, tão privada. Eu realmente não entendia porque alguém assim ia perseguir atuação como uma profissão, isso até eu ver ela no palco. Eu costumava odiar Romeu e Julieta, isso até eu ver a Julieta dela. Ela tem uma paixão nela pela profissão apesar de não se encaixar tanto assim com a personalidade dela. Eu sempre tive a impressão que

para a maioria dos atores esse papo de fazer pela arte é pura besteira para cultivar uma imagem profunda, mas com Lily era verdade. Eu realmente acho que ela se sentiria tão feliz fazendo peças em um teatrinho qualquer pra uma audiência de vinte pessoas quanto fazendo filmes que vão ser vistos por milhões. Quando eu pensava no futuro dela eu sempre a via em teatros, a primeira vez que eu vi um billboard com o rosto dela foi bem surreal."

"Eu imagino."

"Eu acho que nós acabamos aqui. Agora é esperar o resto do pessoal acordar."

"Não. Eles estão abusando." Patrick disse já pegando uma panela do armário e uma colher de pau e já começou batendo na direção da sala.

Sendo recebido por grunhidos e xingamentos dos colegas de trabalho.

"Vamos todo mundo, nós abusamos da hospitalidade da Casa Novak o suficiente. É hora de ir."

E aí seguido por mais grunhidos, mas dessa vez seguido pelo movimento de jornalistas, fotógrafos e designers se levantando, recolhendo seus pertences e indo na direção da porta.

“Obrigada.” Hannah disse para Patrick pouco antes dele sair.

“De nada. Te vejo depois.” ele disse fechando a porta e deixando Hannah sozinha no apartamento.

Ela foi para seu quarto, segundo o relógio demoraria umas duas horas até que ela precisasse começar a se preparar pro trabalho então ela programou o despertador. Com sua cabeça contra seus travesseiros uma pergunta que Patrick fez continuou voltando para sua cabeça :

Quem não ama Lily Saunders ?

.

.

.

Um pouco mais tarde, chegando no escritório Hannah viu que muitos dos seus colegas tinham vindo direto do apartamento para o trabalho, brevemente ela se sentiu grata por ter podido ficar um pouco mais na sua cama e ter tido tempo para tomar um banho antes de ir. Talvez o dia iria ser bom afinal apesar do começo um tanto auspicioso.

Isso até ela chegar na sua mesa e ver um post it rosa na tela de seu computador com a frase : *A Chefe quer te ver*.

Provavelmente haveria um dia em que ela não se sentiria mais tão intimidada pela editora em chefe do site, esse dia no entanto não tinha chegado ainda.

Ela se dirigiu até a sala e assim que chegou a secretária disse :

“Entre, ela está te esperando.”

Hannah bateu na porta de leve.

“Quem é?” disse a voz de dentro da sala.

“Hannah. Hannah Novak, eu ouvi que você quer falar comigo.”

“Entre.”

Hannah abriu a porta e encontrou Vanessa Harrisson, a editora em chefe, sentada atrás da sua mesa, seus olhos focados no celular em sua mão ao invés dela.

“Bom dia Senhorita Novak, por favor se sente.”

“Bom dia, do que isso se trata?”

Sua chefe tirou os olhos do celular, olhou para ela e disse :

“Lily Saunders.”

Hannah pausou por um momento, ela tinha certeza que a chefe não tinha ido para o bar junto com eles na noite anterior.

“O que tem ela?”

“Me informaram que vocês duas costumavam ser próximas. Eu quero que você use essa conexão para nos conseguir uma entrevista.”

“Eu só conheci ela por um ano, na verdade nem um ano. Eu estava me formando quando ela era uma caloura, ela provavelmente nem se lembra de mim.”

“Ela se lembra. Eu já pedi a entrevista para a agente dela e ela disse sim.”

Por um segundo o mundo pareceu parar, e Hannah se encontrou completamente sem palavras.

Sua chefe viu o silêncio como um sinal para continuar a falar :

“Ela está filmando em locação em uma cidade vizinha, ela concordou em falar com você amanhã às quatro. O carro vai levar você e Patrick para lá

após o almoço, eu recomendo que você use o resto do dia para preparar suas perguntas."

"Eu não posso pegar uma história nova, eu nem comecei minha análise do novo clipe da Gigi Bloom."

"Passe para Camila, ela pode fazer."

"Eu não posso ir."

"Eu sei que é rápido, mas você dá conta."

"O tempo não é o problema. Nós não acabamos nosso contato nos melhores termos, certo? As coisas ficaram estranhas entre eu e Lily no final."

"Talvez ela queira se reconciliar, talvez ela sinta muito pelo jeito que as coisas acabaram."

"Se tem alguém que precisa se desculpar sou eu."

"Bem, então eu sugiro que você veja isso como uma oportunidade que o universo te concedeu de fazer isso."

"Hugo e Márcia provavelmente vão ficar putos, eles que geralmente cobrem as reportagens de cinema, geralmente eu fico com música, eles vão achar que eu estou invadindo o território deles."

“Acredite ou não, eu sei quais matérias os jornalistas do site que eu sou editora chefe geralmente fazem. E foi Márcia que me avisou sobre sua conexão com Lily Saunders. E mesmo que eles façam drama não importa, uma exclusiva com Lily Saunders não é algo que aparece todo dia. Ela é muito privada, ela não tem instagram, e ela só posta no twitter uma vez a cada seis meses e ela só dá pouquíssimas entrevistas, nem mesmo após a nominação ela deu uma apenas mandando um comunicado para a imprensa através da agente dela dizendo que ela se sentia honrada pela nominação. Se ela der uma pra gente é garantido que muita gente vai acessar para assistir, isso pode ser ótimo para o site e para você pessoalmente.”

Hannah se deu por vencida.

“Certo, eu vou começar minha pesquisa.”

“Bom ver que você entende.”

Hannah voltou para sua mesa resignada a seu destino, tentando gravar aquele momento em sua mente como uma lição porque ela não devia ficar bêbada ao redor dos outros. Porque quando Hannah ficava bêbada, ela fazia coisas idiotas como contar coisas que ela não devia, convidar metade do

escritório para sua casa...e tentar beijar garotas hétero.

.

.

.

Tinha acontecido faltando cerca de uma semana para ela se formar, em geral Hannah considerava isso uma benção porque ter que aguentar anos de tensão estranha e Lily evitar ela teria sido insuportável. Dez dias foi apenas doloroso e triste.

Durante a maior parte do ano ela tentou muito não se apaixonar por Lily. Ser algo como uma irmã velha legal, ou uma mentora de algum tipo, uma amiga que sabia um pouquinho mais sobre vida do que ela e podia ajudá-la durante aqueles turbulentos primeiros anos da vida adulta, algo platônico e simples. Mas o problema era que irmãs mais velhas em geral não sonhavam em como seria beijar suas irmãzinhas.

Mas tudo bem, era apenas uma queda idiota por uma garota que não gostava dela desse jeito, ela tinha tido essas antes e o melhor a se fazer era apenas esperar passar, ficar com outras garotas e outros garotos ver se talvez sentimentos por alguém

com quem ela tivesse alguma chance surgiram, e no fim ela teria apenas uma bela e pura amizade com a garota mais doce que ela já havia conhecido.

Ou ao menos esse era o plano até ela arruinar tudo na última noite do Festival de Inverno da universidade.

O departamento de teatro geralmente organizava uma peça de Shakespeare por ano para ser apresentada no final do festival, naquele ano foi Romeu e Julieta e para o ódio da maior parte das alunas do curso de teatro Lily foi escolhida para interpretar Julieta. Isso levou a um pequeno boicote da parte dos outros alunos achando que era injusto dar um papel principal para uma aluna do primeiro ano. O boicote se deu na forma de gelo dos outros alunos e de recusas para ensaiar suas falas com ela exceto durante o ensaio oficial semanal na presença de seus professores, e qualquer um que fosse visto quebrando o boicote e ajudando ela receberia um tratamento similar. Então pelo mês que precedeu a apresentação quase todas as noites Lily ensaiou suas falas com Hannah. No começo ela reclamou um pouco da escolha de peça, que ela preferia muito mais que fossse Muito Barulho por Nada ou Hamlet, Hannah tinha lido Romeu e Julieta no ensino médio e tinha detestado achando uma peça

idiota sobre adolescentes idiotas agindo como idiotas porque eles ficaram cegos por hormônios.

Durante aquele mês ela ganhou um pouco mais de apreciação pela peça, Mercutio em particular se tornou um de seus personagens favoritos.

No entanto, ela achou que ela não entendeu a peça completamente até a noite da apresentação quando viu Lily no palco. Porque sim Romeu e Julieta eram jovens e idiotas, e eles estavam apaixonados daquele jeito avassalador que só acontece quando você é jovem e idiota. E eles não mereciam ser punidos por isso, eles mereciam a chance de viver aquele amor sem a interferência do ódio e violência perpetuados por suas famílias.

Talvez Romeu e Julieta era o tipo de peça que você não conseguia apreciar completamente a não ser que você já tivesse se apaixonado desse jeito também.

E ela estava. Enquanto ela assistia Lily no palco veio a claridade absoluta que aquilo não era apenas uma queda, e não ia passar tão facilmente.

Pelo resto da apresentação ela se encontrou movendo sua boca de acordo com as falas de Romeu durante a peça. E quando o ator fez a cena em que Romeu tentava sugar restos de veneno dos

lábios de Julieta com um beijo ela imaginou que eram seus lábios contra os de Lily, ela se permitiu fantasiar isso até as cortinas se fecharem e os aplausos começassem e as luzes se acendessem.

Então ela iria até a Lily e agiria como se nada tivesse mudado em seu coração.

E ela fez isso, ela bateu palmas. E depois foi até os bastidores lhe parabenizar. Mas quando elas chegaram na festa do elenco um pouco depois ela teve que se afastar, ficar perto de Lily agora sentia errado, atração era fácil, amor não era.

Alguns dos alunos da turma de Lily vieram falar com ela lá a parabenizar por ter representado a turma tão bem, pelo jeito o boicote finalmente tinha terminado. Hannah usou isso como uma oportunidade para se afastar.

Ela pegou um ponche e outro e outro. Na fila ela começou a falar com um dos estudantes de jornalismo, um que estava alguns semestres antes dela. Ela já tinha falado com ele antes e nessas ocasiões ela o achou engraçado e até meio charmoso, mas agora ele apenas parecia chato. Mas Hannah não tinha certeza se ele era mesmo chato ou se essa era sua opinião simplesmente por ele não ser Lily.

Ela estava prestes a fingir receber uma mensagem urgente de celular pra se livrar da conversa quando Lily apareceu e disse :

“Hannah nossa carona chegou, vamos.” ela disse oferecendo sua mão e Hannah a pegou.

Quando elas estavam do lado de fora Lily se aproximou da sua orelha e sussurrou :

“Deja vu.”

“O que?”

“Sabe daquela primeira noite, quando você me salvou.”

“Sim, eu acho que nós estamos quites agora.”

“Nós nunca vamos estar quites.”

“O que você quer dizer com isso?”

“Que esse ano, essa cidade, teria sido um inferno se eu não tivesse te conhecido. Antes de te conhecer eu estava honestamente pensando em desistir do curso e voltar para casa. E aí você apareceu e este se tornou um dos meus melhores anos da minha vida.”

“Você está exagerando.”

“Não, eu não estou.” Lily disse e segurou as mãos de Hannah entre as suas “E eu não sei como eu vou aguentar no próximo ano, eu vou sentir a sua falta tanto, eu já sinto a sua falta.”

E havia lágrimas em seus olhos. E havia amor. E por um segundo Hannah achou que havia desejo.

E um segundo foi o suficiente. Porque ela se inclinou e beijou Lily.

Pela sua experiência geralmente quando uma garota hétero é beijada por outra garota há três reações típicas, algumas beijam de volta pensando como uma aventura, outras dizem que elas sentem muito mas que elas não te veem dessa maneira, e há aquelas que congelam.

Lily foi uma das que congelou.

Ela parecia assustada, e Hannah também estava. Ela abriu sua boca para começar a se desculpar quando Lily correu para longe dela, correu e correu enquanto Hannah ficava parada observando.

No próximo dia ela tentou se desculpar de novo, indo até o prédio do departamento de teatro e esperando por Lily sair de uma das suas aulas. Mas quando Lily saiu da sala e seus olhos se encontraram por um momento, ela imediatamente

ficou com uma expressão de pânico e voltou para dentro da sala.

E Hannah entendeu que se desculpar não adiantaria. Estava arruinado. Lily provavelmente achava que toda a sua amizade era uma mentira, apenas um plano elaborado de sedução dessa mulher gay mais velha e luxuriosa que queria levar uma jovem ingênua para o mal caminho. Você pode se encaixar no estereótipo de lésbica predatória quando você na verdade é bissexual? Hannah não tinha certeza.

Ela também não tinha certeza se importava.

Pelos seus últimos dias na faculdade ela não procurou Lily de novo, e tão pouco foi procurada por ela. No dia da sua formatura, quando ela foi chamada para pegar seu diploma, ela achou ter visto Lily de longe no fim do auditório olhando para ela. Mas quando ela olhou novamente Lily não estava mais lá.

.

.

.

Na manhã da entrevista Hannah acordou sem uma ressaca e com seu corpo se sentindo perfeitamente bem, mas sua mente em tumulto. Porque a agente de Lily tinha dito sim para a entrevista ?

O mais provável é que ela tivesse perguntado pra Lily e ela tinha dito sim. Mas isso só levava a mais um monte de perguntas.

As horas que seguiram o seu despertar passaram tortuosamente devagar. Hannah preencheu essas horas reassistindo algumas das outras entrevistas que Lily tinha dado ao longo dos anos, primeiro para garantir que ela não perguntaria nada que já tivesse sido perguntado em excesso segundo para simplesmente se acostumar a ter o rosto de Lily na sua frente novamente.

Um pequeno segredo seu é que ela nunca tinha visto nenhum dos filmes de Lily, ela até havia tentado algumas vezes, mas toda vez que o rosto dela aparecia na tela tudo que ela conseguia pensar era nas circunstâncias que tinham acabado sua amizade.

Pouco após o meio dia o carro apareceu para levar ela e Patrick para a cidade onde o novo filme de Lily estava sendo filmado.

Patrick conseguiu cochilar um pouco na viagem, Hannah ficou acordada e alerta tentando em vão se concentrar na paisagem ao redor da estrada ao invés do que a aguardava no final daquela jornada.

Eles apresentaram suas credenciais para o porteiro e foram para o local indicado por ele. Ela esperou encontrar um dos assistentes de produção que lhe diria para esperar um pouquinho, e o pouquinho provavelmente seria umas duas horas, como tinha sido com a maior parte de entrevistas com músicos que ela tinha feito ao longo de sua carreira.

E havia alguns assistentes de produção presentes, mas também havia Lily.

Lily ainda parecia mais nova do que ela era, apesar dos vinte e cinco anos ela ainda era frequentemente escalada como uma adolescente em filmes. Mas para Hannah que na verdade tinha a conhecido quando ela estava saindo da adolescência, agora ela parecia razoavelmente mais velha, seu rosto tinha afinado um pouco e seu corpo tinha ganhado um pouco mais de curvas. Mas a principal diferença era seus olhos, agora estes pareciam diferentes, não velhos exatamente, mas mais sábios talvez.

“Olá Hannah.” Lily disse.

“Oi.” Hannah disse.

Por um segundo Lily se moveu como se fosse abraçá-la, mas aí ela parou e lhe estendeu a mão ao invés disso. E Hannah a segurou.

E era estranho. Tão estranho. Certamente apertos de mão não deviam durar tanto tempo? Certo?

Felizmente Patrick disse :

“Prazer em conhecê-la. Grande fã. Você tem alguma preferência de local para a entrevista ?”

“Sim! Uma das nossas assistentes de produção ajeitou uma área para esse fim.” Lily disse e só aí largou a mão de Hannah.

“Você poderia nos mostrar onde é?” Hannah perguntou.

“Sim. É claro. Venham comigo.” Lily disse indo por um dos corredores, e eles seguiram.

Eles chegaram em um espaço com duas poltronas brancas com um fundo azul.

“Isso vai funcionar. Hum, geralmente eu monto duas câmeras pra entrevistas desse tipo eu coloco duas câmeras se focando em cada rosto, mas nesse cenário específico eu acho que seria mais

interessante enquadrar vocês duas no mesmo frame. O que vocês acham ?”

“Tudo bem por mim.” Lily disse.

“O que quer que você ache melhor, eu confio no seu julgamento.” Hannah disse.

E ele começou a montar o equipamento enquanto as duas ficavam paradas esperando, Hannah considerou pegar o seu celular e fingir mandar texto com alguém para evitar ter que falar com Lily. Mas antes dela pegar, Lily disse :

“Eu sinto muito por ter feito vocês virem até aqui. Eu queria ir a cidade para a entrevista, mas me foi dito bem claramente que isso atrapalharia todo o nosso cronograma de filmagens."

“Tudo bem, é bom sair da cidade às vezes...você sabia que era eu que faria a entrevista?”

“Sim, eu vi algumas entrevistas suas, eu gostei daquela com o Kyle de Everest que saiu dois meses atrás.”

“Então você ainda é uma fã de Everest?”

“E você não é?”

“Eu nunca fui uma fã, eu apenas gostava de algumas músicas e eu achava que o baterista deles era sexy. Ainda acho, você viu a campanha pra calvin klein que ele fez?”

“Não realmente. Eu ouvi a respeito.”

“Procure e me agradeça depois.”

“Eu não acho que seria do meu interesse na verdade.”

“Então eu assumo que Matt,o psicopata, ainda é o seu favorito.”

Essa era uma das coisas que ela mais costumava brincar a respeito na época, Matt um dos vocalistas da banda e o favorito de Lily, na opinião de Hannah era apenas bonzinho demais, perfeitinho demais, fazia ela pensar que ele provavelmente estava escondendo um lado negro, o que levou a um um monte de brincadeiras a respeito dele secretamente ser um serial killer que quando criança afogava cachorrinhos para se divertir. Lily sempre reclamava quando ela fazia essas brincadeiras, mas às vezes ela ria enquanto ela fazia isso.

“Sim Matt, o não psicopata, ainda é meu favorito.”

“Talvez nós poderíamos fazer uma concessão e chamar ele de Matt, o Schrödinger psicopata.”

“Não.” Lily disse rindo.

“Vamos, segundo o FBI há um total de cinquenta serial killers ativos nos Estados Unidos, nós temos certeza absoluta que Matt do Everest não é um deles?”

“Sim, nós temos.”

“Eu estou apenas dizendo que caso na sua vida de famosa você conheça ele, não deixe ele te levar para um segundo lugar.”

“Ele é bem melhor do que o Nate, o seu favorito, eu nunca entendi porque você sempre defendeu ele.”

“Bem nós bissexuais idiotas precisamos defender uns aos outros. Comunidade baby.”

“Ele nem estava fora do armário na época em que a banda estava ativa.”

“Sim, mas eu sei lá, eu me identificava com ele. Quando a entrevista da Vanity Fair saiu eu não tive um momento de choque mas sim de algo como : Oh é por isso que eu gosto de você, agora tudo faz sentido.”

“Eu acho que eu entendo.”

Naquele momento Patrick limpou a garganta para chamar a atenção das duas.

“Já está tudo pronto, nós podemos começar.”

As duas se sentaram nas poltronas e elas começaram a falar sobre a temporada de prêmios, seus projetos mais recentes, sobre a falta em Hollywood de diretoras femininas comandando grandes projetos, filmes da Disney, o império de mídia de Rupert Murdoch, e um pouco de Everest também porque Hannah não conseguiu resistir a tentação de fazer a atriz super séria Lily Saunders falar em câmera sobre seu amor por boybands. Ao contrário do que ela tinha temido a caminho dali, a entrevista simplesmente fluiu com ela raramente tendo que parar para olhar suas notas e roteiro para entrevista. Nos dias antigos geralmente era assim também, um assunto puxava o outro facilmente.

Após mais de uma hora gravando Hannah decidiu que já era o suficiente, a maioria das gravações não duravam mais de dez minutos. Após Patrick terminar de desmontar o equipamento Hannah disse :

“Obrigada pela entrevista, eu acho que vai ser muito bom para o site.”

“De nada.”

“Foi bom te ver de novo, adeus Lily.”

“Hum...vocês querem uma tour do set ? Pode ser bem divertido. Ainda falta algumas horas até que eu tenha que gravar a minha próxima cena.”

“Eu não tenho certeza, nossa chefe provavelmente vai querer que a gente edite a filmagem e poste ainda hoje.”

“Por favor, fique. Eu não te vejo há tanto tempo. Apenas um pouco mais, por favor.”

“Certo. Nós podemos fazer uma tour, eu acho.”

Os três foram para ao set de filmagem, no caminho Patrick continuou dando olhares meio curiosos na direção de Hannah e Lily, ela não tinha certeza se era porque ele não entendia o que estava acontecendo ou se era porque ele entendia um pouco demais.

Ela até achou que ele ia lhe perguntar algo a respeito, mas no instante em que eles chegaram no set de filmagem Patrick ficou encantado com as câmeras presentes no local, Hannah não via o porquê daquela animação toda, mas segundo ele o equipamento era muito impressionante, e ele foi

falar animado com um dos outros cameramans presentes.

Os olhos de Hannah percorreram o estúdio, era um lugar interessante, e era muito estranho pensar em Lily naquele lugar.

“No que você está pensando? ” Lily perguntou.

“Apenas que eu nunca achei que você acabaria fazendo filmes. É bom que esse tenha sido o caso, mas quando eu pensava em você eu sempre te visualizava fazendo teatro.”

“Eu amo teatro, e eu gostaria de voltar para o teatro um dia. Provavelmente eu vou quando as pessoas se cansarem de mim. E foi o teatro que me trouxe ao cinema. Eu fui escalada pra interpretar Diana nessa produção Off-Broadway de Next to Normal e Phillipa Martin estava lá e ela achou que eu ia ser boa para o papel da irmã da protagonista desse filme que ela estava escalando. E uma coisa acabou levando a outra.”

“Eu gostaria de ter visto. Next to Normal sempre foi meu musical favorito.”

“Eu sei. Eu quase te convidei. Eu até cheguei a escrever um email, escrever e reescrever, mas eu não mandei.”

“Porque não?”

“Eu não tinha certeza se você queria me ver.”

“Tem algum lugar que a gente possa falar em privado?”

“Sim, eu tenho um camarim.”

Ela foi na direção que Lily indicou, se Patrick notou que elas tinham saído ela não tinha certeza. O camarim ficava no final do corredor e havia uma estrela com o nome de Lily na porta.

Elas entraram e aí elas estavam sozinhas.

E as coisas estavam estranhas de novo, até mais estranhas do que durante o aperto de mão que durou um século.

“Eu-” as duas começaram a dizer mas pararam.

Quando Lily não voltou a falar Hannah disse :

“Vá em frente. Continue.”

“Eu sinto muito pelo que eu disse, e por ter te feito ficar após a entrevista, eu não queria te deixar desconfortável e agora é claro que eu fiz isso.”

“Eu sinto muito também.”

“Porque? Você não fez nada de errado hoje.”

“Não hoje, eu estou falando sobre cinco anos atrás. Naquela noite eu estava bêbada, e eu sei que essa é uma péssima desculpa. Mas você devia saber que naquele momento eu realmente achei que você queria que eu te beijasse, e eu estava errada, e eu sinto muito por isso ter arruinado a nossa amizade.”

“Você não estava errada.” Lily disse suavemente olhando para baixo.

“O quê?”

Lily levantou seus olhos e disse mais claramente :

“Você não estava errada. Eu queria que você me beijasse. Eu não estava pronta para que você me beijasse, mas eu queria. E quando eu recrio aquela noite na minha cabeça, e eu faço isso bem frequentemente, eu sempre te beijo de volta. Sempre. Às vezes eu até esqueço que não foi isso que aconteceu.”

“Mas na realidade você não beijou.”

“Eu sei. Mas-”

“Eu devia ir, eu já fiquei aqui tempo demais.” Hannah disse e saiu do camarim, deixando Lily sozinha lá.

Ela andou até o final do corredor e aí parou.

Lily queria ser beijada por ela naquele dia. Isso sozinho deveria ser o suficiente para lhe trazer um pouco de paz. Ela podia voltar para o seu trabalho agora, ela já tinha feito o que ela tinha vindo ali para fazer. Ela podia voltar para o seu trabalho e sua vida de sempre. E passar o resto da sua vida recriando esse dia em sua mente se perguntando o que Lily quis dizer com aquilo.

Hannah percorreu o corredor de volta ao camarim sabendo que ela nem podia culpar o álcool desta vez, ela estava completamente sóbria em plena luz do dia. Era apenas ela mesma, seu coração cansado e as coisas que este lhe dizia que precisava para ser feliz.

Quando ela abriu a porta, ela achou Lily sentada no sofá.

Havia lágrimas nos seus olhos, havia amor, havia desejo e Hannah achou que ela podia ver esperança também.

“Você disse que você não estava pronta naquela época. Isso significa que você está pronta agora ?”

“Sim, eu estou.”

Pela segunda vez na sua vida Hannah Novak beijou Lily Saunders.

E desta vez ela foi beijada de volta.

Agradecimentos

Gostaria de aproveitar este espaço para agradecer a algumas pessoas que me ajudaram no processo de realização deste livro. Primeiramente, à minha mãe, que sempre incentivou e nutriu meu amor pela literatura. Minhas queridas amigas Luciana, Maria Gabriele, Vanessa e Marian, que muitas vezes foram minhas primeiras leitoras e a origem de muitas das inspirações que resultaram nas histórias desta coletânea.

Sobre a Autora

Carol Soares é autora do livro de contos O Monstruoso Feminino e teve contos publicados na antologia Conto Brasil e na revista digital O Autômato, ela tem trinta e dois anos e mora em Teresópolis no topo de uma montanha cercada por livros e gatos.

https://linktr.ee/carol93soares

ISBN : 978-65-01-43782-8